

J O R G E P I R E S

O V I G A R I S T A

COMÉDIA EM TRES ACTOS

COTA 8

NUCLEO LITERATURA

REGISTO

BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE NISA

O VIGARISTA

COMÉDIA DRAMÁTICA EM 3 ACTOS DA AUTORIA

DE

J O R G E P I R E S



PERSONAGENS:

RITA	CRIADA
FRANCISCO	O VIGARISTA
D. AUGUSTA	VIÚVA DO GASTÃO
ANSELMO	JARDINEIRO
PADRE NOVAIS	
1.º DETECTIVE	
2.º DETECTIVE	
SERAFIM	SOLDADO

CENÁRIO

Sala de estar bem mobilada mas com simplicidade, ao centro pequena camila com algumas revistas. Ao centro uma porta que conduz ao interior da casa. Em cada lado uma porta: Uma para a rua outra para o quintal.
De principio, Francisco fala como se fosse minhoto.

FRANCISCO	— (Bate à porta)
CRIADA	— (Vai abrir) ÁH! tenha paciência tiozinho...
FRANCISCO	— (Interrompe) Qual tiozinho qual carapuça! Vossa Senhoria é que é a dona disto aqui? (Força a entrada. Tráz uma saca às costas e per corre com os olhos toda a casa). Foi a Senhora que botou este anúncio? (Puxa pelo recorte de um Jornal)
CRIADA	— (Atrapalhada) Vocemecê vem enganado tiozinho...
FRANCISCO	— Lá está ela outra vêz com o tiozinho! Diga-me cá ó Madame, esta rua não é a rua dos Mangericos? Ali na porta não está escarrapacha do nº. 517?
CRIADA	— É tudo como você diz homem de Deus, mas...
FRANCISCO	— (Volta a interromper) Não há mas nem meio mas (põe-lhe uma carta na mão) Isto é uma carta de recomendação, e para adiantar as nos-

sas conversações, eu apresento-me: Sou o Francisco Maranhão, mas lá na minha terra sou mais conhecido por Chico Pansudo. Posso-me sentar? (Faz o gesto mas)

- CRIADA — Ai não! Espere que eu vou à cozinha buscar um banco para si! (Depois de ele se sentar pergunta) Então mas o Senhor Chico... (Hesita)
- FRANCISCO — Pansudo, não tenha receio!
- CRIADA — O Senhor Chico Pansudo está em condições de satisfazer todas as exigências que tem o anúncio?
- FRANCISCO — Eu Madame? A Madame sabe quantos filhos eu tenho? Doze! E olhe que foram todos feitos por mim!
- CRIADA — (Muito admirada) Doze filhos numa época destas?
- FRANCISCO — Pois Madame! Com mais sete filhas são dezanove, cá o Chico é assim não há trabalho nenhum que lhe meta medo! Mas... a Madame não lê a carta?
- CRIADA — Vocemecê não me deixa falar!
- FRANCISCO — Fale!
- CRIADA — Em primeiro lugar, eu não sou a patroa e em segundo, a Senhora precisa é de um cozinheiro e não de um hortelão!
- FRANCISCO — Essa agora... Quer dizer que a menina...
- CRIADA — Rita...
- FRANCISCO — A menina Rita acha-me com cara de hortelã? Bem se vê que é uma menina da cidade! Pois fique sabendo que o Hortelã na minha terra são umas plantazinhas assim parecidas com erva cidreira... A menina secalhar também não sabe o que é erva cidreira... Erva cidreira são umas ervinhas assim a modos que...
- CRIADA — (Interrompe rápido) Óh homem de Deus eu não disse hortelã!
- FRANCISCO — Mau! Então o que é que a menina disse?
- CRIADA — Hortelão! (Com intenção) Hortelã-o!
- FRANCISCO — Hortelã-o? A mania que esta gente cá da cidade tem de complicar as coisas! Se isto cabe na cabeça de alguém, hortelã-o!
- CRIADA — Onde é que o Senhor estava empregado?
- FRANCISCO — Onde é que eu estava empregado? A menina tem cada uma! Se eu estivesse empregado não estava aqui a responder a esse anúncio, não lhe parece?
- CRIADA — Parece que não me fiz compreender... Eu perguntei qual foi a última casa onde esteve empregado!
- FRANCISCO — Essa agora, está aí tudo explicadinho nessa carta! Se fosse eu a dizer eram capaz de pensar que eu estava a enfiar o urso, e eu cá sou pão, pão, queijo, queijo!

- CRIADA — O Senhor é de muito longe?
- FRANCISCO — Daqui p'rá minha terra uma pessoa que se levante cedo é capaz de levar aí uns quinze dias a chegar lá, eu por acaso demorei menos tempo a chegar cá porque é ó abixo!
- CRIADA — (Para o Público) Ou é parvo ou sabe imitar muito bem!
- FRANCISCO — O que é que a menina disse?
- CRIADA — Estava a falar para os meus botões...
- FRANCISCO — ÁH! (pequena pausa) A menina Rita é da família cá dos donos da casa?
- CRIADA — Não homem, você ainda não reparou que sou empregada?
- FRANCISCO — (espantado) Não me diga! A menina se calhar também é lá das provin-
cias não?
- CRIADA — Daqui p'rá minha terra uma pessoa que se levante tarde nunca mais lá chega!
- FRANCISCO — Se calhar a sua terra até é capaz de ser ao pé da minha!...
- CRIADA — (Vai buscar uma fatia de pão) O Senhor Chico gosta de manteiga?
- FRANCISCO — Tenho ouvido falar tenho... Isso não fica ali para o pé da Serra da Estrêla?
- CRIADA — (Rindo) ÓH homem! Estou a perguntar se gosta de manteiga no pão, o Senhor há-de ter fome...
- FRANCISCO — ÁH! Não se incomode comigo! Deixe estar que eu venho prevenido, a minha Florência na véspera da minha vinda coseu uma data de brôa e aviou-me bem o sacco!
- CRIADA — A sua mulher chama-se Florência?
- FRANCISCO — Florência da Silva!
- CRIADA — Tem graça a minha madrinha também se chama Florência! Qual é o nome da sua terra?
- FRANCISCO — Cabeceiras de Cima, Fica lá para riba, p'ró Minho!
- CRIADA — (Muito contente) Cabeceiras de Cima? Vocemecê disse Cabeceiras de Cima?
- FRANCISCO — (Interessado) Porquê? A menina conhece? Já lá passou alguma vêz?
- CRIADA — Eu sou de Cabeceiras de Baixo! Bem me estava a parecer que vocemecê era lá dos meus sitios! É tão bom encontrar alguém da nossa terra! Há tanto tempo que lá não vou!
- FRANCISCO — Quem havia-de dizer que aqui numa cidade tão grande, eu ia encontrar alguém do pé do meu lugarêjo! Eu conheço muito bem a sua terra até lá namorei uma cachopa, já lá vai um bom par de anos, e se quer que lhe diga, era muito parecida com a menina! O pai é que teve a culpa de eu não ter casado com ela. Coitada teve pouca sorte, casou com um diabo que era chofer, um dia apanhou uma babedeira, dei-

xou ir a camionete por uma ribanceira abaixo, morreu todo queimado, isto ao fim de quatro ou cinco anos de estrem casados! (Rita limpa lágrimas dos olhos) Mas... a menina está a chorar? Eu disse alguma coisa que a ofendesse?

- CRIADA — Não... Não é nada, eu sou assim, não posso ouvir falar da minha terra, sinto uma alegria tão grande, que me dá para chorar... Mas já passou!
- FRANCISCO — Já não digo mais nada a respeito da nossa terra, não gosto de a vêr triste, uma cara tão bonita a chorar até me faz impressão!
- CRIADA — (Depois de passar manteiga no pão) Coma Snr. Chico, farto de brôa anda vocemecê...
- FRANCISCO — Eu se calhar não gosto disso, agente lá p'rás nossas bandas atira-se mais á carne de porco e ao queijo!
- CRIADA — Eu dava-lhe um copo de leite, mas só está ali um copinho dêle para o lanche da Senhora... p'rá apanhar meio litro tem que se perder meio dia nas bichas... Não sei o que fazem ao leite!
- FRANCISCO — É das rações! Antigamente quando o gado comia milho, fava, essas coisas todas puras, as vacas davam tudo, davam carne, davam leite, davam peles pró calçado, davam cornos, eu sei lá! Outro dia queria mandar fazer umas botas pediram-me o dinheiro duma vaca!
- CRIADA — Ao menos lá na nossa terra há muita coisa que se coma, não há é quem compre!
- FRANCISCO — Pois aí é que a porca torce o rabo! as pessoas arranjam muita coisa que se coma mas depois vendem a quem?
- CRIADA — Eu sei lá, mesmo assim tenho pena de não viver lá, é tudo mais natural, as pessoas parece que são todas da mesma família!
- FRANCISCO — Lá está já a menina a ficar triste, não fale daquilo como se fosse um paraíso. Se fosse tão bom como você diz ninguém saía de lá!
- CRIADA — Deixe lá. Também lá há coisas boas!
- FRANCISCO — Às vezes sinto saudades é de quando era novo, aquelas cantigas ao desafio...
- (Cantam quadras adequadas que podem ser com música, primeiro ela depois ele)
- Ouve-se um armónio lá fora e aparece também o jardineiro a cantar.
- D. AUGUSTA — (Bate á porta, ao mesmo tempo chama Rita) Rita! Abre a porta, que barulho é esse?
- ANSELMO — (Foge para o quintal) Valha-me Santa Justa!
- D. AUGUSTA — (Entrando) Que algazarra vem a ser esta? Parece impossível. Não se pode ter confiança em ninguém! (para Francisco) Quem é você?

- CRIADA — Eu explico minha Senhora. Este Senhor é lá do pé da minha terra e vem candidatar-se ao lugar de cozinheiro!
- D. AUGUSTA — (Para o público) Eu estrei a ouvir bem? (para a criada) Vem candidatar-se ao lugar de quê?
- FRANCISCO — Cozinheiro minha Senhora, eu sei cozinhar Patos, Galinhas, Perús, Carneiros, mas a minha grande especialidade é estrelar ovos e para informações mais detalhadas tem aqui uma carta de recomendação. (apalpa os bolsos) AH! Já na entreguei à menina Rita!
- CRIADA — Aqui tem minha Senhora! (D. Augusta lê a carta e depois comenta)
- D. AUGUSTA — Com que então o Senhor é um artista para estrelar ovos... Quem é esta Florência?
- FRANCISCO — É a minha Patroa minha Senhora!
- D. AUGUSTA — AH! O Senhor ainda está empregado!
- FRANCISCO — Eu estou empregado? Não me lembro!
- D. AUGUSTA — Mau! Vamos lá a ver se nós nos entendemos: O Senhor disse que a sua Patroa se chama Florência...
- FRANCISCO — Perdão minha Senhora, Florência é a minha mulher!
- D. AUGUSTA — Então e o Senhor traz-me aqui uma carta de recomendação da sua mulher?
- FRANCISCO — Ó minha Senhora, não há ninguém no mundo que me conheça melhor que a minha Florência!
- D. AUGUSTA — Então e o Senhor não vê que essa carta é suspeita?
- FRANCISCO — Se ela é suspeita ou não não sei não fui eu que a fiz!
- D. AUGUSTA — Ó homem, o que eu queria dizer é que a sua mulher não ia dizer mal de si!
- FRANCISCO — Ora, V. Ex.^a. tem cada uma! Prece que a Senhora não sabe que só se emprega quem tem uma boa cunha!
- D. AUGUSTA — Quer dizer que você considera a sua mulher uma boa cunha!
- FRANCISCO — Ó minha Senhora, ela pode ter todos os defeitos, mas mentirosa é que ela não é! Se diz aí na carta que eu sei cozinhar é porque sei!
- D. AUGUSTA — Afinal, vamos lá a saber uma coisa: Lá em sua casa quem é que toma conta da cozinha?
- FRANCISCO — Não é ninguém, e olhe que até agora ela ainda não fugiu!
- D. AUGUSTA — (Leva o indicador à testa olhando para a criada) Ó homem quem é que faz a comida lá em casa!?
- FRANCISCO — Bem se vê que a Senhora não me conhece, pois tá visto que sou eu!
- D. AUGUSTA — Mas então a sua Senhora... Ai valha-me Deus que eu já não percebo nada!

- FRANCISCO — Tá bom de perceber minha Senhora, então com tanta filharada ela tem lá vagar de fazer comida?
- CRIADA — Tem dezanove filhos minha Senhora!
- D. AUGUSTA — Quantos?
- FRANCISCO — Dezanove! E olhe que todos comem que é um encanto benza-os Deus! Olhe que quando a minha Florência dava a papinha ao último o primeiro que comia já estava cheio de fome!
- D. AUGUSTA — Parece impossível, não se envergonha? Faço ideia a fome que essas criancinhas têm passado. Aonde é que você vai arranjar comida para tanta gente?
- FRANCISCO — O que vale são os abonos das crianças, com alguma coisa que a gente vai arranjando do nosso lavrado, lá se vai vivendo!
- D. AUGUSTA — Pobres mulheres! (grita) Escravas do prazer é que elas são! Já pensou a vida que a sua pobre mulher tem passado desde que casou consigo?
- FRANCISCO — Mas... Ó minha Senhora a gente não tem culpa, lá p'rás nossas bandas não há outras distrações!!
- D. AUGUSTA — O primeiro filho havia-de ser sempre vosso! P'ra vocês saberem o que é a maternidade. Homens como vocês não merecem o amor nem o afecto de uma mulher! Você tem uma casa cheia de problemas e a sua mulher ficou lá sozinha para os enfrentar.
- FRANCISCO — Mas... Ó...
- D. AUGUSTA — Cale-se! Você acabou de dizer que a pobre mulher não tem vagar de cozinhar...
- FRANCISCO — Tenho uma filha com lo e outra com quinze e duas com aatorze estas duas são gêmeas, já é o suficiente para ajudar a mãe!
- D. AUGUSTA — Por causa desta conversa toda já estou atrasada para a missa, quando eu vier verei o que se pode arranjar. (Veste um casaco e um véu e quando chega á porta) ÁH! não quero aqui cantorias!
- CRIADA — Vá descansada minha Senhora!
- FRANCISCO — Lá na minha terra nunca ficava nenhum domingo sem ir á missa, se eu tivesse um casaco também ia!
- CRIADA — Você devia ter dito á Senhora, era meio caminho andado para você ficar cá em casa!
- FRANCISCO — Se aquele tipo que esteve aqui há bocado me emprestasse o casaco dele!
- CRIADA — Espere aí que eu o chamo: (vai á porta) Anselmo! Ó Anselmo! Anda cá Ele já aí vêm!
- ANSELMO — Se é pará cântar mais, não!
- CRIADA — Não é nada disso. É aqui o meu Patricio que queria ir á missa mas

envergonha-se de ir com esta camisola, se tu lhe emprestasses o teu casaco!

- ANSELMO — Com todo o gosto! Eu até lhe empresto a camisa, vai mais á Papo Sêco, eu visto a sua camisola e está tudo resolvido! (Fazem a troca no palco) Agora até pareço um futebolista!
- CRIADA — Já não parece o mesmo hem!? Então reze lá para que a Senhora lhe dê o lugar!
- FRANCISCO — Onde á a casa de banho?
- CRIADA — No corredor à direita!
- FRANCISCO — Já agora vou-me pentear!
- ANSELMO — (Para a criada) Parece ser um pobre diabo este homem!
- CRIADA — Dá-me a impressão que não regula lá muito bem!
(BATEM À PORTA)
- CRIADA — Quem é?
1. DETECTIVE — Abra em nome da lei.
- CRIADA — (Vai abrir) Há algum problema?
2. DETECTIVE — O tipo não se engana hem? (Bruscamente agarram o homem e levam-no à força)
- FRANCISCO — (Espreita a uma porta e ri cada vez mais)
- CRIADA — Ai valha-me Deus! Então levam o homem sem uma explicação e você está aí com uma gargalhada dessas?
- FRANCISCO — (Rindo e já não fala à minhota) Pensam que levam o maluco e aquele é que vai para a choça!
- CRIADA — Ó homem explique-se que eu não estou a perceber nada!
- FRANCISCO — Cale-se! Você vai fazer o meu jogo porque senão... Eu acabo-lhe com a vida! (Avança para ela com ar ameaçador) Ouvia bem? nem uma palavra! Estou farto, estou farto de tanta ignorância, tanta falsidade!
- CRIADA — (Riso amarelo) Não sabia que era tão brincalhão... Queria pregar-me um susto!
- FRANCISCO — Tenho pena de si sabe? Afinal você não tem culpa de nada mas agora tem que entrar no meu jogo. E não pense que isto é brincadeira, a sua Senhora é rica, eu sou pobre, ela não precisa de tanto, eu preciso de mais, está a entender? Aonde guarda ela as joias? Fale!
- CRIADA — (Nervosa) No... no cofre!
- FRANCISCO — Você sabe o segredo?
- CRIADA — (Chorando) Vá-se embora deixe-nos em paz! Mesmo que soubesse não lho dizia!
- FRANCISCO — Não seja estúpida, sabe onde está a chave?

- CRIADA — A Senhora leva-a sempre com ela...
- FRANCISCO — Essa Senhora tem que me pagar o que disse há bocado! (imita) Homens como você não merecem o amor duma mulher dizia ela! Sempre gostava de saber o que é que a gente merece! E você? Vá na conversa dela que ainda fica para tia!
- CRIADA — Para ter a sorte da sua mulher vale mais ficar solteira!
- FRANCISCO — E quem lhe disse a si que eu sou casado? (ri) dezanove filhos! á á á á ficaram convencidas que eu era pai de dezanove filhos! Como se eu não soubesse as misérias que por aí há, ainda não passaram muitas horas, eu vi um gâroto a rabiscar restos de pão no caixote do Lixo! Isto é demais caramba, vá já encher-esse saco de comida... Depressa há muita gente ansiosa por ela! (Rita nervosa vai para a cozinha com o saco voltando pouco depois com ele cheio) Na casa desta senhora os cães e os gatos comem infinitamente melhor do que muitas pessoas, e são essas pessoas que produzem, que fazem progredir o mundo...
- CRIADA — (Com o saco cheio) Chega?
- FRANCISCO — Isto é uma gota de água no oceano! É preciso mais, muito mais, eu amanhã volto outra vez quando a sua Senhora for p'rá missa! Quero um saco maior do que esta bem cheio! Quanto ás joias, eu depois trato disso. E não se esqueça nem uma palavrâ! (Sai)
- CRIADA — (Chora) Até quando eu irei aguentar isto!
- D. AUGUSTA — (Entra nervozissima) Então Já o levaram? Mas... o que é isso? Que chora é esse? Não me digas que estás a chorar com pena dele, o pobre homem fugiu da casa de saúde, tem a mania que vai endireitar o mundo, parece que já tem fugido mais vezes!
- CRIADA — Parecia tão bom homem minha senhora!
- D. AUGUSTA — Assim que aqui cheguei vi logo que não se tratava duma pessoa normal, por isso é que fui à esquadra para o virem buscar!
- CRIADA — (Para o público) Quando ela souber que levaram o jardineiro em vez do Chico Pansudo! (Para a Senhora). Então mas a Senhora preparou-se para ir á missa!
- D. AUGUSTA — arranjei esse pretexto para ele não desconfiar!
- CRIADA — A Senhora está muito nervosa, quer que lhe faça um chá para tomar com um calmante?
- D. AUGUSTA — Vai lá rapariga, e arranja também um para ti que bem precisas!
- CRIADA — Vou já minha Senhora, não demorô nada!
- D. AUGUSTA — (Só, senta-se visivelmente cansada) Valha-me Deus, só a mim é que acontecem coisas destas... Mas como á que ele lá fechado soube do anuncio! (Vai à janela e chama o jardineiro) Ó Anselmo! Anselmo!

- Este rapaz há uns tempos para cá parece que não anda a ouvir bem!
- CRIADA — (Com o chá e o comprimido) Pronto minha Senhora, aqui tem o chá e o comprimido!
- D. AUGUSTA — Vai agora tomar o teu.
- CRIADA — Já tomei minha Senhora! ÁH! Já me estava a esquecer, a Senhora tem que me deixar mais dinheiro para ir ao tlho buscar carne para os bichos, não sei o que eles têm que há uns dias para cá não há comida que os satisfaça!
- D. AUGUSTA — Então mas... Não foi ante ontem que lá foste buscar três quilos?
- CRIADA — Pois foi minha Senhora, mas V.Ex^{sa}. há-de ver que a Diana tem lá dois cachorros a puxar por ela, e os namorados da gata não se tiraram aí do quintal!
- D. AUGUSTA — Quem não gosta muito disso é o Anselmo, diz que se não fossem os gatos tinha metade do trabalho com as flores! Então e carapaus ainda há?
- CRIADA — Já não há nada minha senhora!
- D. AUGUSTA — Ai ainda bem... tinha tanto receio que a minha kenhó-nhó morresse, comia tão pouquinho, mas também... Comer tanto é capaz de lhe fazer mal, coitadinha, não estava habituada!
- CRIADA — Deixe lá minha Senhora, se ela come á porque a natureza pede, mas não é só ela, de vêz em quando aparece por aí um gatarrão que come por cinco ou seis!
- ANSELMO — (Entrando como um furacão, ainda com a camisola) Onde é que está esse doido? Eu dou-lhe cabo dos ossos, (para a criada) diz-me onde ele está!
- D. AUGUSTA — Mas... O que é isto? Ai valha-me Deus!
- ANSELMO — Nunca mais esquecerei a vergonha porque passei! Mas dizes onde ele está ou não?
- CRIADA — (Achorar) Ele fugiu!
- ANSELMO — Ai o malandro que levou o meu fato!

FIM DO 1^o. ACTO!

2^o. ACTO

M E S M O C E N Á R I O

- D. AUGUSTA — Não sei o que se passa nesta casa, há uns tempos para cá, não há comida que chegue para os animais! Será que... Não, a criada não.. Tem sido uma rapariga tão séria... Seja o que fôr há qualquer coisa que não está a correr normalmente! (Pequena pausa, chama o Jar dineiro) Anselmo! Anselmo! Anda cá! (dentro) há quinze dias para

cá (vai buscar facturas) deixa cá ver! (Soma) Ó Santo Deus, quatro contos e quinhentos! Isto não pode continuãr assim!

- ANSELMO — (Entrando) Às suas ordens minha Senhora!
- D. AUGUSTA — Ouve Anselmô, o que te vou dizer tem que ficar entre nós, eu não posso suportar por mais tempo o que se está a passar. Estive agora a somar as contas da comida dos animais e apenas em quinze dias já lá vão quatro contos e quinhentos!
- ANSELMO — Desculpe que lhe diga minha Senhora mas eu não acho muito!
- D. AUGUSTA — (Surpreendida) Não achas muito?
- ANSELMO — A Senhora vai-me desculpar, mas três pessoas e uma data de cães e gatos ainda fazem um grande desbasto!
- D. AUGUSTA — Ó palerma, estas facturas são só dos animais! Costumo pô-las sempre de parte para saber a despesa que fazem!
- ANSELMO — (Para o público) Tás bem amolada Rita!
- D. AUGUSTA — Disseste alguma coisa Anselmo?
- ANSELMO — Não minha senhora, estava cá a pensar...
- D. AUGUSTA — Desembucha rapaz, (indo a ele) Sabes alguma coisa?
- ANSELMO — Olhe Senhora D. Augusta, se fosse eu à Senhora cortava o mal pela raiz, a Diana deixava-a ficar mas essa gatalhada? Pú... Desculpe minha Senhora! Já cá não está quem falou!
- D. AUGUSTA — Vê la como falas Anselmo, olha que eu não suporto faltas de respeito!
- ANSELMO — (Visivelmente nervoso) Pronto minha Senhora, desculpe! Já... já posso ir?
- D. AUGUSTA — Espera que já vais. Mas... tu não tens visto assim nada de anormal... Na Rita... Sei lá, dá-me a impressão que anda nervosa...
- ANSELMO — Isso foi desde que apareceu aí o gajo que me roubou o fato!
- D. AUGUSTA — Já te disse que não gosto dessa maneira de falar!
- ANSELMO — Mais uma vez mil perdões minha Senhora, a gente aprende a falar assim e depois por mais que tente corrigir-se de vez em quando escapa!
- D. AUGUSTA — Bom, bom, vai lá para o teu serviço.
- CRIADA — (Entrando com o saco das compras) Bom dia minha Senhora!
- D. AUGUSTA — Adeus Rita!
- CRIADA — Ai minha Senhora, está tudo pela hora da morte! Só os carapaus para os gatos custaram duzentos e cinquenta escudos!
- D. AUGUSTA — Temos que tomar medidas drásticas minha menina, a partir de hoje carapaus, nada. Vai-se comprando um chixarrito de vêz em quando, com alguns restos de comida não é preciso mais!

- CRIADA — Ó minha Senhora, os bichos assim vão estranhar muito!
- D. AUGUSTA — ÁH! A Diana também tem que apertar o cinto, passas a comprar em vêz de carne limpa, ossos!
- CRIADA — Mas ó mim...
- D. AUGUSTA — (Rápido) Nem mas nem meio mas, faz o que te digo e acabou-se! Bem, eu vou-me preparar para ir à missa (olha o relógio) Já está quaze na hora! (Sai de cena para o quarto)
- CRIADA — (Só) Com que então desconfiada hem? Eu já sabia que isto dava bronca... Maldito homem que aqui apareceu!
- D. AUGUSTA — (Sai apressada, Enquanto eu estiver fora não abres a porta a ninguém!
- CRIADA — Uf! Como ela anda hoje! (Leva as compras para a cozinha)
- FRANCISCO — (Entra com um saco de chama, Rita!
- CRIADA — (Surpreendida) Como é que você entrou?
- FRANCISCO — Esqueceste-te que levei uma chave comigo?
- CRIADA — Já não me lembrava... Fale baixo, você ainda tráz o fato do jardim negro, ele anda pior que uma barata!
- FRANCISCO — Esse também precisa de um aperto de calos!
- CRIADA — Quem anda metida num grande aperto sou eu! (chora) Isto não pode continuar por muito mais tempo... Ela desconfia de qualquer coisa! Quer que eu corte a comida aos bichos, e depois como vai ser?
- FRANCISCO — Eu sei como vai ser menina Rita, essa insigne Senhora, precisa de uma lição! Ela vai dar-me tudo o que eu quizer!
- CRIADA — Por favor não me meta em mais sarilhos peço-lhe!
- FRANCISCO — Não tenhas receio que tudo vai correr lindamente! Há quanto tempo estás cá na casa?
- CRIADA — Há dez anos!
- FRANCISCO — Então já deves saber os fracos da tua Senhora... Ouve lá, ela acredita em fantasmas?
- CRIADA — Eu sei lá! Depois do marido morrer andou muito tempo convencida que via sombras de noite!...
- FRANCISCO — (Satisfeito) Ótimo! Vais ver que ela... Espera lá. Eles davam-se bem?
- CRIADA — Era o que se podia chamar um casal feliz. Todos os dias aquela alma vai à missa rezar pelo marido!
- FRANCISCO — Ouve Rita, eu vou sacar daqui muito dinheiro, se te portares bem, terás uma boa parte, sempre quero ver a cara dela logo à noite! ÁH! Como se chamava o marido dela? Ela logo à noite vai falar com ele!

- CRIADA — (Atrapalhada) Não... Isso não! Não me diga que vai aqui aparecer disfarçado de fantasma!
- FRANCISCO — Não te assustes pequena, de mais a mais tu já sabes do que se trata, já sabes que sou eu não tens nada que recear!
- CRIADA — Ela depois grita, acode a vizinhança e você vai outra vez p'rá gai ola!
- FRANCISCO — Está descansada pequena que isto não falha, não é a primeira vez que este plano é posto em prática. A última foi com uma velhá que não tinha herdeiros!
- CRIADA — Você é um monstro, nem uma velha escapou á sua ferocidade, agora começô a compreender a espécie de homem que você é!
- FRANCISCO — Cale-se! E tenha cuidado com a língua. Não se esqueça que é minha cúmplice!
- CRIADA — Mais tarde ou mais cedo você será apanhado e terá o castigo que me rece!
- FRANCISCO — Parece impossível, uma menina na cidade há tantos anos, e ser tão ingénua, não se esqueça que eu sou doido! (grita) Ouviu? Eu sou doido! Portanto já sabe, eu posso matar! (avança para Rita com ar ameaçador).
- CRIADA — (Nervosa) Não! Não! Eu faço tudo o que você quiser!
- FRANCISCO — Dispa-se!
- CRIADA — (Pequena pausa) Você não é um homem! É um cão! Um cão da pior espécie, que só ataca as mulheres indefesas...
- FRANCISCO — (Peremptório) Faça o que eu lhe digo!
- CRIADA — Eu não sôu quem você pensa! Pode matar-me se quiser...
- ANSELMO — (De fora) Rita! Ó Rita!
- FRANCISCO — (Esconde-se na cozinha)
- ANSELMO — (Dentro) Quem é que estava aí a falar contigo?
- CRIADA — (Atrapalhada) Comigo? AH! Não faça caso! Ando a decorar um papel que vou fazer ao teatro!
- ANSELMO — Pareceu-me ouvir a voz de um homem...
- CRIADA — Nunca mais deixas de ser parvo!
- ANSELMO — Era bom que eu fosse parvo era, ao menos esses não têm complexos!
- CRIADA — Não sei onde queres chegar...
- ANSELMO — Não sabes aonde eu quero chegar... Não te faças de nova Rita, bem sabes que gosto de ti...
- CRIADA — Eu também gosto de ti Anselmo, só que...
- ANSELMO — (Rápido) Só que eu sou pobre não é? Não tenho onde cair morto! Bolas... Bolás p'rá vida, todos têm a mania das grandezas, deixa lá que qualquer dia aparece por aí algum Doutor! (Sai zangado).

- FRANCISCO — (Sai da cozinha) Está a ver a menina? Mais um que não consegue ganhar o suficiente para constituir família! Afinal eu é que tenho razão!
- CRIADA — Fale baixo!
- FRANCISCO — Quero lá saber? Ou você pensa que eu tenho medo dele?
- CRIADA — (Aflita) Será que você não compreende que se ele o vê aqui vai contar tudo à Senhora?
- FRANCISCO — (Calmo) Côm que então vai contar tudo á Senhora?! Coitado... (Enérgico) Então ele que apareça! (Noutro tom) Bom vamos lá a ver o que é que para aí há hoje!
- CRIADA — Eu já lhe disse que ela anda desconfiada... hoje tem que ser menos!
- FRANCISCO — Não se afliga! Uíne, o melhor será não levar hoje comida!! Tenho-me estado a lembrar duma coisa... O seu patrão era assim alto ou baixo?
- CRIADA — Bem... Ele alto não era... Talvez fosse assim mais ou menos da sua estatura!
- FRANCISCO — Acha que o fato dele me ficaria bom?
- CRIADA — (Atrapalhada) Não! Isso não! Por favor não pense nisso... Ela vai todos os dias olhar para o fato do marido... Passa horas ao pé do guarda fato a apalpar os casacos e as calças!
- FRANCISCO — (Ri) Essa é boa, essa é muito boa, assim como assim eu também não tenho pressa, por agora tenho o casaco do Jardineiro! Mas descanse que a sua Senhora não perde pela demora... Agora o que é preciso é eu conhecer bem os cantos à casa! Quer-me acompanhar õu vou sozinho?
- CRIADA — Eu vou consigo, estou cá há dez anos e mesmo assim é preciso andar com os olhos bem abertos! Há divisões por todos os lados!
- FRANCISCO — Vê? É isto que está mal... Para que quer esta Senhora tantos compartimentos? (Saem de cena e vão falando até se sumirem as vozes)
- D. AUGUSTA — (Entra cantarolando um hino religiosa) (Vai à porta do corredor) Rita!
- CRIADA — (De dentro) Lá vou minha Senhora!
- D. AUGUSTA — (Recomeça o hino lendo um livro)
- CRIADA — (Entrando) Cá estou minha Senhora!
- D. AUGUSTA — ÁH! Rita, que pena tu não teres ido hoje também á novena! Que côro maravilhoso! Vamos lá cantar as duas. A musica é esta! (Dá o lamiré) (cantam, ao fim de pouco tempo aparece o jardineiro a cantar o mesmo hino, a certa altura ouve-se um tombo e como por encanto todos se calam entre-olhando-se) Deixaste a porta do Quintal aberta?
- ANSELMO — (Rápido) Fecheia minha Senhora!

- D. AUGUSTA — Vamos lá recomeçar... ÁH! Mas tu já sabias este hino Anselmo, quem te ensinou?
- ANSELMO — Já o ouvia cantar à minha mãe Senhora D. Augusta!
- D. AUGUSTA — Bravo rapaz! Ora vamos lá experimentar outra vez! (Cantam depois a patroa comenta) É lindo não é Rita? Não achas que o Anselmo foi na ravelhoso?
- CRIADA — O Anselmo devia ir para o Conseqvatório de música Minha Senhora!
- D. AUGUSTA — Pensava que o rapaz não tinha tanto jeito! Ai, ai! Que pena o meu defunto marido não ouvir isto!
- CRIADA — Ouviu lá no céu de certeza minha Senhora!
- D. AUGUSTA — Agora podem ir, apetece-me ficar só. (Saem) Gostava tanto de decorar isto até amanhã... (Recomeça a cantar sozinha, até que adormece, ao mesmo tempo as luzes quãse se apagam, de súbito ouve-se uma vóz que chama com angústia)
- FRANCISCO — Augusta! Augusta! (Esta acorda sobressaltada) Não tenhas medo, eu sou o teu Gastão...
- D. AUGUSTA — (Dá um grito e desmaia)
- CRIADA — (Acorrer) O que foi isso minha Senhora? (Vai á porta) Anselmo! Anselmo, acode aqui á Senhora!
- ANSELMO — (Em pijama e descalço) Aconteceu alguma coisa Rita?
- CRIADA — A Senhora está desmaiada, eu só ouvi um grito, não sei o que é que se passou! (Rita bate na cara da Senhora que se vai recompondô)
- D. AUGUSTA — (Abatida) O meu Gastão... Eu ouvi a vóz do meu querido Gastão!
- CRIADA — A Senhora adormeceu e teve um pesadelo foi o que foi!
- ANSELMO — Que susto eu apanhei, pensei que tinha aqui entrado algum gatuno!
- D. AUGUSTA — Sinto tanto a falta do meu companheiro! Deito-me e levanto-me a pensar nele! Podem retirar-se que isto já passou! (Saem, depois reza)
- FRANCISCO — Isso não chega minha augusta esposa, a minha alma anda perdida e só tu a podes salvar!
- D. AUGUSTA — (Agora terrivelmente nervosa) É ele! nã... Não é um pe...sadelo...
- FRANCISCO — Ganha coragem! Só tu me podes salvar!
- D. AUGUSTA — Onde estás que eu não te vejo? Diz depressa o que é preciso fazer!
- FRANCISCO — Estou quãse a entrar de serviço e não há tempo para dizer muita coisa mas a primeira que tens que fazer é ires ao guarda fato e dares toda a roupa que era minha ao primeiro pobre que encontrares na rua!
- D. AUGUSTA — Será tudo feito como quizeres meu adorado e chorado esposo!
- FRANCISCO — Volto amanhã à mesma hora, vou entrar de serviço à meia noite!

- D. AUGUSTA — Mas... tu cá nunca trabalhaste!
- FRANCISCO — (uma gargalhada Sinistra)
- D. AUGUSTA — (Chorando) Tanto que eu tenho feito pela Igreja, tanto que eu tenho rezado, e a alminha daquele desgraçado anda perdida! Vou recolher-me no meu quarto e rezar toda a noite! (Sai)
- FRANCISCO — (Aparece rindo) Amanhã a primeira coisa que tenho a fazer é disfarçar-me de pedinte, nunca pensei que isto fosse tão facil, até já me estou a sentir um magnata enfiado naquela farpela! Á, á, á!
- CRIADA — (Implorando) Pela alminha de quem o Snr. lá tem deixe a pobre Senhora em paz! Isto vai-lhe fazer muito mal!
- FRANCISCO — Fique descansada que isto não vai durar muito tempo! Afinal tudo o que eu quero que ela me dê não lhe faz falta nenhuma!
- CRIADA — Valia mais ter assaltado a casa, ao menos assim tudo acabava num instante!
- FRANCISCO — (Irritado) Irra que vocês só vêm o vosso lado! Fazia um assalto, começava tudo aos gritos e lá ia o Chico p'rá gaiola... Era isso que você queria não?
- CRIADA — O que eu queria era que você nunca tivesse entrado nesta casa, não fazia cá falta nenhuma!
- FRANCISCO — Calminha minha menina, não se precipite... (Batem à porta) Espera alguém?
- CRIADA — (Nervosa) Nã... Não espero! Quem será? esconda-se, vá ali p'rá casa de banho! (Francisco sai de cena) Não podia passar sem cá vir... (vai abrir simulando falar em voz baixa) Fala baixo que a Senhora deitou-se agora...
- SOLDADO — Vim aqui só para tu não me tomares por parvo, não acreditei uma só palavra... Porque é que não me querias cá hoje? Está-me cá a parecer que aqui há gato!
- CRIADA — Não sejas criança... Quando te telefonei estava com ideias de ir passar o fim de semana com a minha tia.
- SOLDADO — E porque é que não foste?
- CRIADA — Porque... Estava mal disposta pronto! Deu-te agora para seres ciumento ou quê?
- SOLDADO — (Rindo) Vá não te zangues, dá cá um beijinho ao teu Serafim... Bem sabes que o ciume é filho do amor! (Rita esquiva-se) Estás hoje muito arisca! Possó ir à casa de banho?
- CRIADA — (Atrapalhada) Á casa de banho? AH! Pois... Mas... Sabes, a Senhora facho a porta á chave e perdeu-lhe o posto a vêr se eu amanhã a encontro!
- SOLDADO — Tu estás-me a esconder qualquer coisa Rita! Não sei porquê mas... Bem eu estou à rasca, vou-me embora, já só cá venho quando me ape-

- tecer! (Sai)
- FRANCISCO — (Entra) A sua patroa sabe disto menina? Afinal você também peca!? Ela há-de gostar de saber que a sua fiel criada mete homêns em sua casa á meia noite!
- CRIADA — Isso é uma ameaça?
- FRANCISCO — Chame-lhe o que quizer, mas sempre será mais um ponto de apoio áquilo que me proponho fazer!
- CRIADA — Você é realmente o que se chama um vigarista completo... Não perde uma oportunidade! Sabe o que lhe digo? Estou cheia, cheia até aqui (indica a garganta)
- FRANCISCO — Fique descansada que já não enche muito mais! Quem começa a encher-se agora sou eu... Agora vou deixá-la sossegada, tenho muito em que pensar esta noite! (Sai de cenã)
- CRIADA — (Grita) Maldito (chora) tinha tanta vontade de beijar o meu Serafim e este maldito estragou tudo! (Sai para a cozinha)

FIM DO 2.º ACTO!

3.º ACTO

M E S M O C E N Á R I O

O Palco está vazio, batem à porta.

- CRIADA — (Sai da cozinha) Quem é?
- PADRE NOVAIS — Abra por favor, um seu criado!
- CRIADA — (Abrindo) ÁH! É o Snr. Padre Novais, Entre! A Senhora espera-o!
- PADRE NOVAIS — Boa noite menina Rita! Então conlicença!
- CRIADA — Sente-se por favor que eu vou já chamar a Senhora! (Chama para dentro) Sr.ª. D. Augusta! O Senhor prior já veio!
- D. AUGUSTA — (Entrando) Seja benvindo a esta sua casa Snr. Prior, a sua bênção!
- PADRE NOVAIS — Vim logo que pude minha querida amiga, bem sabe que estou sempre ao dispor de v.Ex.ª!
- D. AUGUSTA — Nem sabe quanto eu aprecio tanta prova de bondade da parte de sua Reverendissima!
- PADRE NOVAIS — Ontem pareceu-me muito nervosa, confesso que fiquei um pouco preocupada, mas... pelo que vejo, parece-me hoje muito mais calma!
- D. AUGUSTA — As aparências iludem meu bom amigo, se soubesse a dor que vai no meu coração!
- PADRE NOVAIS — Mas... A Senhora assusta-me!

- D. AUGUSTA — Assustada ando eu! AH Snr. Padre, ás vezes pergunto a mim mesma se vale apenas rezar tanto...
- PADRE NOVAIS — Abra-se comigo Snr^a. D. Augusta bem sabe que não gosto de ver as ovelhas do meu rebanho assustadas!
- D. AUGUSTA — O que tenho para lhe dizer é muito delicado! (Chora) O meu Gastão Snr. Padre Novais, o meu Gastão, fala comigo todas as noites!
- PADRE NOVAIS — Menina Rita, a sua Senhora precisa de um calmante. Traga-lhe com um chá quentinho por favor!
- CRIADA — (De dentro) É só um momento Snr. Prior!
- PADRE NOVAIS — (À parte) Que Deus tenha compaixão desta pobre pecadora!
- CRIADA — Aqui tem minha Senhora! O Snr. Padre beba também um cházinho! Faça companhia à Senhora!
- PADRE NOVAIS — Muito obrigado menina Rita, é sempre com prazer que tomo um cházinho com a Senhora D. Augusta!
- D. AUGUSTA — Ajude-me Snr. Padre, por favor não faça troça, eu já calculava que não ia acreditar! Juro-lhe que a alminha do meu Gastão anda perdida, aparece aqui todas as noites, aparece ele e vai desaparecendo tudo o que tenho em casa...
- PADRE NOVAIS — Se não se importa bebamos então o chá minha querida amiga, pode querer que terei o maior interesse em saber como tudo se tem passado!
- D. AUGUSTA — Ai, ai! Não tenho grande prazer em recordar tudo de principio, mas tudo começou naquela noite em que V^{ra}. Reverendissima nos ensinou aquele hino... Chamei a criada e o jardineiro para tentar fazer um coro, e de repente, ouvi um tombo, pensei que fosse alguma porta ou janela que batesse com o vento, mas, alguns minutos depois, ouvi a voz daquele desgraçado a chamar por mim — Augusta! Augusta! A minha alma anda perdida e só tu me podes salvar! Disse-me então que era necessário dar toda a roupa dele ao primeiro pobre que encontrasse na rua! No outro dia mandou-me ir à Igreja entregar todas as minhas jóias a um Frade, que por sua vez as transformaria em dinheiro para distribuir pelos pobres...
- PADRE NOVAIS — (Interrompe) Isto cheira-me a vigarisse! Para...
- D. AUGUSTA — (Chora) Desculpe Snr. Prior mas ainda há mais, disse-me também que para a sua alminha descansar no Reino dos Céus eu teria que dar esta casa ao primeiro mendigo que batesse á minha porta!
- PADRE NOVAIS — Mas isso assim seria trocar um inferno por outro! Deus nosso Senhor não quererá tamanha vileza! Quando uma alma anda perdida só rezando bastante se pode salvar... Missas, Missas é que a alma do Snr. Gastão precisa!

- D. AUGUSTA — Todos os meses mando dizer uma por alma do meu Gastão!
- PADRE NOVAIS — A Senhora D. Augusta vai mandar dizer uma missa de oito em oito dias e se mesmo assim o espirito do Snr. Gastão continuar a fazer pedido, havemos de pensar noutra solução! Agora se me permite eu vou andando, (Faz uma cruz) Que a graça de Deus abençoe esta casa! Adeus minha amiga!
- D. AUGUSTA — Pode ser já a primeira missa amanhã?
- PADRE NOVAIS — Tinha outros compromissos, mas neste caso não podemos adiar! Amanhã ás sete e meia lá a espero!
- D. AUGUSTA — Obrigado Snr. Padre Novais (despedem-se, depois só) Que Deus tenha compaixão de mim!
- FRANCISCO — (Ouve-se rir sinistramente) Esse Padre é um grande vigarista, o que ele quer é o dinheiro das missas, para que queres tu uma casa tão grande? Eu deixei-te uma reforma, compra uma casa mais pequena e dá essa por favor, não me deixes andar por aqui ao trambolhões!
- D. AUGUSTA — Ouve Gastão, tu não vêz que me estás a pedir uma coisa impossivel? Que dirão os da nossa linhagem? Serei abandonada por todos, para tu ficares no sossego passarei eu a viver no inferno!
- FRANCISCO — Viver no inferno é querer matar a fome e não ter com quê, tu tens vivido sempre no paraíso, nunca te faltou nada...
- D. AUGUSTA — (Rápido) Faltaste-me tu e já não foi pouco!
- FRANCISCO — Eu também nunca me lembrei de quem não tinha pão nem familia, tu ainda estás a tempo de salvar a tua alma, faz o que te digo, não deixes arder a tua alma no fogo do inferno! (Ouvem-se tombo)
- CRIADA — (Vindo de dentro) O que é aquilo minha Senhora? Parece que anda o diabo nesta casa!?
- D. AUGUSTA — É ele outra vêz (chora) tenho o coração despedaçado, ajuda-me a ir para o meu quarto... (Saem)
- FRANCISCO — (Rindo) Confesso que também já começo a ter pena desta carcaça, mas o que é que eu hei-de fazer? Tenho que acabar o trabalho... Não me está a agradar é a conversa do Padre, parece-me que ele ficou desconfiado... Está noite tenho que fazer mais barulho... Tenho que ser rápido pois o Padre é bem capaz de estragar tudo!
- CRIADA — (Entrando) Dêscanse que você vai pagar todas as patifarias que tem feito, não é assim que se brinca com os sentimentos duma pessoa, o Senhor está a ir longe demais... Quem é você para fazer chantagem com o espirito de quem quer que seja?
- FRANCISCO — E quem é você para vir p'ra cá com lições de moral? De moralistas está o mundo cheio! Afinal de contas você cá em casa também não

tem tido um comportamento muito limpo...

- CRIADA — A pior coisa que fiz até hoje foi deixá-lo entrar nesta casa, tudo o mais são banalidades!
- FRANCISCO — Claro, claro minha menina, já nos tempos do meu avô os magalas entravam às tantas da noite em casa das patroas para fazerem amor com as criadas... (Rita desmaia e vai a cair mas Francisco segura-a e tenta reanimá-la batendo-lhe na cara) Só faltava agora mais esta! Já sei que o padre me deu azar... Rita! Rita! Espera aí que eu já te digo! O melhor é eu raspar-me! Oiço passos, vou-me esconder ali sempre quero ver o que é que isto dá!
- ANSELMO — Rita! Ó Rita! Olha esta, em vez de ir dormir p'rá cama... (contempla-a) Cara tão bonita! Parece uma Santa! Quem me dera possuir pérola tão valiosa!
- CRIADA — (A pouco e pouco entrando em si vai delirando) Saia daqui p'ra fora, não quero vê-lo mais na minha frente, chega-lhe Serafim! Eu sou séria, sempre fui...
- ANSELMO — Não estou a perceber nada, mas deve estar a sonhar com algum Serafim.
- CRIADA — Onde é que ele está? (Abre os olhos) Que estás tu aqui a fazer?
- ANSELMO — Isso pergunto eu! Não sabia que sonhavas alto...
- CRIADA — Só cá faltavas tu... Não sei o que me passou pela cabeça, nunca me aconteceu isto...
- ANSELMO — Mas tu não estavas a dormir?
- CRIADA — Bem podia aqui morrer... Achas que isto aqui é lugar para dormir?
- ANSELMO — Não que não é, mais mal dormia eu lá na minha terra, enfiavam comigo p'ra dentro dum palheiro e viva o velho!
- CRIADA — Ajuda-me a levantar! Doi-me a cabeça!
- ANSELMO — Desculpa, não sabia que tinhas desmaiado... Queres que vá chamar o médico?
- CRIADA — Não, isto está a passar...
- ANSELMO — Parecias muito aflita, esteve aqui alguém? Se alguém quiz zombar de ti diz-me! Não é preciso cá vir nenhum Serafim defender-te!
- CRIADA — Não faças caso, eu concerteza estava a delirar!
- ANSELMO — Sempre gostava de saber que em esse Serafim... Há uns tempos para cá que tu andas assim meio esquisita, palavra de honra que não sei o que se passa contigo...
- CRIADA — Há-de ser sempre o mesmo, coisas que se metem na tua cabeça rapaz!
- ANSELMO — Seja como for, há qualquer coisa de misterioso dentro desta casa! Outro dia, a Senhora desmaiou, e disse que lhe apareceu o Snr.

Gastão, agora desmaias tu e venho dar contigo a falar num Serafim! Qualquer dia a mim aparece-me alguma Dona Xepa carregada de maracu já e amendoim! (Riem) Bem vinha para te convidar para ires ao cinema comigo, e mais uma vez não tive sorte...

- CRIADA — Fica para outra ocasião, prometo-te que p'rá próxima vez te faço companhia!
- ANSELMO — Vê lá se não é preciso nada.
- CRIADA — Não, obrigado pelo teu interesse, e diverte-te!
- ANSELMO — Então vai p'rá cama descansar que bem precisas! Até amanhã e as melhoras!
- CRIADA — Adeus Anselmo! Até amanhã e obrigada! (Depois de Anselmo sair) Este também ficou desconfiado... Não sei como tudo isto irá acabar, só me dá vontade de fugir daqui p'ra fora!
- FRANCISCO — (Aparecendo) Daqui não sai ninguém sem o trabalhinho estar concluído! E tenha cuidado com a língua porque isto já não me está a chegar nada bem, você hoje excedeu-se...
- CRIADA — A culpa foi sua, e se quer que lhe diga não estou disposta a engolir tudo o que a sua boca suja deita p'ra fora!
- FRANCISCO — Desculpe menina Ritinha, não sabia que era tão sensível! Daqui pró futuro vou tratá-la sempre com diplomacia, afinal de contas a menina aspira ser esposa de um magistrado do exército! Só é pena que...
- CRIADA — Acabe, não tenha receio...
- FRANCISCO — Seria imensamente desastroso a menina amanhã ir-me fazer companhia num célebre palácio chamado Limoeiro!
- CRIADA — Não tenho nada com isto que você está a fazer, e cada dia que passa, mais me arrependo de não contar a verdade á pobre Senhora!
- FRANCISCO — Afinal de contas a menina está a dar-me a razão, você tem sido realmente extraordinária, tem colaborado lindamente, por isso, quando tudo isto terminar, terá uma recompensa pela protecção que me tem dado!
- CRIADA — Não preciso das suas recompensas pra nada, o que quero é vê-lo daqui p'ra fora quanto antes!
- FRANCISCO — (Ri) Não me faça rir menina, não se esqueça que esta casa está prestes a ser minha, (num tom bastante severo) Minha, ouviu? Se alguém tiver que sair daqui p'ra fora é você e a sua Senhora, Senhora só porque é rica, aquilo parece mais um Guarda Republicano do que uma Senhora!
- CRIADA — Dum Guarda Republicano precisa você. Fique sabendo que quando era nova era linda a valer! Veja ali aquele retrato!

- FRANCISCO — (Contempla o retrato) O quê esta? Não queria mais nada, isto foi alguma fotografia que ela tirou nalguma revista feminina. Esta gente pensa que a beleza se compra com dinheiro! Veja você, você sim! Raios me partam se eu fosse mais novo...
- CRIADA — Nem coberto de oiro, ou você pensa que... Quanto mais bonitos mais malditos, homens como você. Qual é a mulher que quer casar com um cadastrado? Sim, ninguém me tira da cabeça que você tem passado a maior parte da sua vida na prisão!
- FRANCISCO — Tão bonita e tão estúpida! Será que ainda ninguém lhe explicou que nas prisões há muita gente mais são do que muitos que andam cá fora?
- CRIADA — Se forem como você...
- FRANCISCO — Nunca fiz mal a ninguém, posso-me gabar dessa!
- CRIADA — Sim, você está a prestar um grande favor a esta Senhora, já lhe levou os fatos, já lhe levou as joias, até a vivenda você quer fazer o favor de lhê tirar!
- FRANCISCO — Estou-lhe a prestar um favor sim, ou ainda tem dúvidas? Lembre-se que o céu está reservado para os que sofrem, para os humildes, sendo assim eu estou a contribuir para a sua salvação!
- CRIADA — Você devia estar era num manicómio, parece-me que cá fora também há mais anormais que lá dentro!
- FRANCISCO — Ora até que enfim você disse uma acertada! É verdade sim senhor. Todo aquele que tem uma ideia que hoje prece louca, mais tarde vem a provar-se que essa ideia tinha fundamento! Quem havia-de dizer aqui há cem anos que seria possível um homem por os pés na Lua? Seria dado como maluco concerteza quem na altura tivesse o arrojo de afirmar tal coisa!
- (BATEM À PORTA)
- 1°. DETECTIVE — Abra em nome da lei!
- FRANCISCO — Faça um pouco de tempo até que eu me esconda, e bico calado hem?
- 2°. DETECTIVE — Ou abre ou meto a porta p'ra dentro! (Bate)
- CRIADA — Vou já! (abre algo confusa) aconteceu alguma coisa?
- 1°. DETECTIVE — Desculpe menina, mas temos plenos poderes para passar uma busca a esta casa!
- CRIADA — Não compreendo, aqui não há contrabando!
- 2°. DETECTIVE — Mais uma razão para não se por assim com esse ar de comprometida!
- CRIADA — Quer dizer... Eu... Compreendem, entrar aqui a autoridade a esta hora... Não esperava não é?...
- 1°. DETECTIVE — Não disfarce! Onde é que ele está?

- CRIADA — Ele quem?
- 1°. DETECTIVE — Há quinze dias que o procuramos e até agora nada! Sabe que dar cobertura a um fora da lei dá direito à estar á sombra alguns meses?
- 2°. DETECTIVE — De mais a mais doido como este!
- CRIADA — Eu já não suporto esta situação por mais tempo, estou farta! Que ele é doido sei eu, por isso é que tive que me valar, levem-no daqui, não sei como eu e minha Senhora não estamos já também varridas da cabeça! (depois dos detectives sairem de cena) Não o deixem fugir pelas trazeiras!
- ANSELMO — (Entrando) Deixa que ele não escapa, há guardas por todos os lados!
- CRIADA — Então foste tu!
- ANSELMO — Fui eu pois! Eu e o padre Novais! Como vêz, não sou tão parvo como tu ás vezes me fazes!
- CRIADA — Quer dizer que tu sabias...
- ANSELMO — Desconfiei de tantos desmaios e pus-me de pé atrás! Ouvi aquela conversa que vocês tiveram há bocado e logo concluí que se tratava do tipo que me roubou o fato! Mas ele agora vai pagar tudo o que tem feito!
- (APARECEM OS DETECTIVES EM CENA)
- 1°. DETECTIVE — Já corremos toda a casa e nem sombras dele!
- CRIADA — Deixaram-no fugir pelo Quintal concerteza...
- 2°. DETECTIVE — Pelo quintal era impossivel!
- 1°. DETECTIVE — Querem ver que o homem é invisivel?
- CRIADA — Já foram ao quarto da Senhora?
- 1°. DETECTIVE — Bâtemos a uma porta que estava fechada, a Senhora respondeu que estava tudo bem!
- ANSELMO — Ele é capaz de tudo! Quem sabe... Só pode ser isso! Vamos depressa antes que seja tarde! (avançam todos)
- D. AUGUSTA — (Entra) Ninguém tem o direito de perturbar a intimidade deste casal. Anda Gastão, põe esta gente toda na rua!
- FRANCISCO — (Aparecendo)
- DETECTIVES — É ele! É o doido!
- FRANCISCO — Doidos são vocês! Quem vos autorizou a entrar dentro dos meus aposentos? Rua! Rua!
- 1°. DETECTIVE — Vamos agarrá-lo!
- D. AUGUSTA — Não! Há tantos anos que não beijava o meu augusto esposo! Foi tão bom este bocadinho que estive deitada com ele!
- 2°. DETECTIVE — (Para a criada) Temos que levar também a sua Senhora, ela já está mais varrida do que ele!

- FRANCISCO — Oçam seus palermas, quem é que vocês consideram um doido? É aquele que se submete, é aquelê que se humilha, ou pelo contrário, é aquele que não se cõforma com a miséria e tenta por todos os meios sair dela? Eu sei que não sou um exemplo a seguir, mas também sei que não sou doido! Vocês podem condenar-me sim mas como Vigãrista! Vamos p'rá cama minha querida!
- D. AUGUSTA — (Puxa por duas notas e dá uma a cada detective) Vão-se embora e faça de conta que não viram nada! (Saem os dois de cena, os Detectives saem e encolhem os ombros).
- ANSELMO — (Para a criada) E esta?
- CRIADA — A Senhora está maluca, temos que fazer qualquer coisa!
- ANSELMO — Sabes o que há a fazer? Como os ricos perdem a vergonha, nós como pobres, vamos também p'rá cama! (Tenta passar-lhe o braço pelo ombro)
- CRIADA — Tira a luva, e não meças tudo pela mesma tijela! Em todas as classes há pessoas honestas!
- ANSELMO — A nossa patroa também me pareceu sempre muito honesta e no entanto...
- CRIADA — Aquele monstro, além de vigarista é feiticeiro! A Snr^a. D. Augusta está enfeitçada! Temos que fazer qualquer coisa! Vamos bater à portã do quarto, temos que lhe fazer vêr isso mesmo! Anda daí!
- ANSELMO — Tens alguma coisa que ir estragar a Lua de Mel à senhora?
- CRIADA — Não queres ir vou eu...
- FRANCISCO — (Entra em cena todo arranhado simulando estar maçado) Eu já não sou homem para estas coisas, vale mais ser pobre toda a vida do que viver com uma vibora destas! Livra! (Sai)
- ANSELMO E CRIADA — (Correndo para dentro) Minha Senhora! Minha Senhora!

F I M

M A R T A

Comédia Dramática em 3 actos

de

JORGE MANUEL PIRES DA ROSA

PERSONAGENS:

MARTINHO
MARTA
INÁCIO
ROSALINA
JOÃO
HELENA
BÉLINHA
ESMERALDA
JAIME
REGEDOR

C E N Á R I O

Casa típica de Moleiro com alguns sacos brancos pendurados, de preferência enfarinhados.

I ACTO

(Entram os dois compadres falando alto)

INÁCIO — Pois é como lhe digo compadre, a sua filha faz um casamentão! O meu Chico? Não é por ser meu filho mas... aquilo é trigo sem joio!

MARTINHO — E a minha filha? Garanto-lhe compadre, que aqui nas redondezas nenhuma lhe põe os calcanhares em cima, aquilo é que é uma cachopa!

ROSALINA — (Levanta-se atrapalhada) Quem é que vai para a tropa homem?

MARTINHO — Lá vens tu outra vês com chatices.

ROSALINA — O Ulisses? Parece mentira! Parece que foi ontem que nasceu, enquanto o tempo passa!

(Os dois compadres olhando um para o outro encolhem os ombros)

INÁCIO — Então comadre não há p'ra ai uma pinga de café p'ra gente?

ROSALINA — Também a mim compadre, a noite passada não dormi nada (mete os dedos na boca e indica qual é o que doi) é este aqui compadre, já marquei

uma consulta para ir ao médico da caixa, mas só daqui a seis meses é que há vaga bem dão tempo que a gente morra!

- INÁCIO — Faça como eu comadre, olhe que eu ainda nunca fui ao dentista quando me doi algum vou ali ao Joaquim Barbeiro aquilo é um vê se te avias!
- ROSALINA — Também a mim me doi todos os dias eu...
- MARTINHO — (Exaltado) Irra! que é de mais, cala-te mulher, daqui a pouco doem-te a ti, doem-me a mim doem ao compadre, e até o gato daqui a pouco tem dor de dentes! Café, café é que o compadre pediu! (grita-lhe aos ouvidos)
- ROSALINA — Ah! Compadre desculpe, não ouvi eu arranjo já aqui um cafésinho!
- INÁCIO — Não se incomode comadre, eu falei em café por falar, essa agora! (fala junto ao ouvido)
- ROSALINA — Ah compadre, está aqui quentinho ao pé do lume, não tenha receio que não incomoda!
- MARTINHO — Tome um cafésinho compadre, aqui com uma pinga de bagaço é uma maravilha!
- (Rosalina vai pondo o café na mesa enquanto Martinho adiciona um pouco de aguardente)
- INÁCIO — (Provando primeiro o bagaço) Óh que rica pinga compadre! Pura sêpa hem!
- MARTINHO — Cá em casa é assim compadre, ou bom ou nada! (Riem os dois)
- INÁCIO — Sim, sim não há dúvida, e olhe que eu sou bom apreciador! (Bebem e voltam a rir)
- MARTINHO — Pois compadre, como eu há pouco lhe disse, vai ser muito difícil convencer a minha filha a deixar o João da Rita para casar com o seu Francisco, namoram-se desde os tempos da escola sabe?
- INÁCIO — Esse magarefe não é homem para a sua filha, não tem onde cair morto, a sua Marta merece mais compadre, o meu rapaz pode fazer qualquer mulher feliz!
- ROSALINA — Não sei o que é que vocês estão p'ra ai á trogar! (Chega-se mais a eles) estão a falar na nossa Marta? um... ela gosta muito do João, é um rapaz muito sério!
- INÁCIO — (Ao ouvido) Temos que arranjar maneira de tirar esse sacana do caminho do meu filho, nem que para isso seja preciso recorrer a outros meios!
- ROSALINA — Sarilhos não! Se ela não se desimaginar por ela própria! andar com enredos não é p'ró meu feitio...
- INÁCIO — A comadre quer amanhã ver os seus netos a passar fome? está bem, o rapaz pode ser sério, pode ser bom trabalhador, mas isso não chega, é

preciso é ter bago, o resto é conversa, já lá vai o tempo do romantismo, o tempo dos casamentos por amor, e quer saber mais? hoje quem é sério não se governa, isto é uma maneira de falar claro, que eu tudo o que tenho, arranjei-o honestamente!

- MARTINHO — (Ao ouvido de Rosalina) O que o compadre está a dizer é verdade! (mais afastado) Eu que o diga, se tivesse casado com uma mulher com alguma coisa de seu podia ter passado uma vida mais desafogada!
- ROSALINA — Não presto p'ra nada? menos prestas tu! Olha agora!
- INÁCIO — Compadre, ponho este assunto nas suas mãos, eu vou andando, (chega-se ao pé de Rosalina) até amanhã comadre, (ao compadre) até amanhã compadre.
- MARTINHO — Fique descansado compadre Inácio, a cachopa anda lá embeijada com o outro mas agente vamos arranjar maneira de os fazer zangar! (Riem)
- INÁCIO — Fixe compadre, boa noite!
- MARTINHO — Até amanhã!
- MARTINHO — (Para a mulher) Ah Rosalina, ou eu me engano muito ou ainda vamos passar uma boa velhice!
- ROSALINA — É uma chatice é, e não sei como é que vais resolver este problema!
- MARTINHO — Dum lado, um rico que a Marta odeia, do outro, um pobretana muito bom rapaz que ela adora!
- ROSALINA — Não podes mandar o rapaz embora sem mais nem menos, ainda arranjas p'rái alguma fita que vai ser o bom e o bonito!
- MARTINHO — Qual história, como diz o compadre o casamento hoje é mais um negócio do que um acto de amor!
- ROSALINA — Não deves estar bom da cabeça que tem o Sr. Prior a ver com isto?
- MARTINHO — (Irritado) Eu digo mas é que gaita uns em alhos outros em bogalhos..
- MARTA — (Entrando bem disposta) Boa noite!
- M. e R. — Adeus filha!
- MARTINHO — (Para a filha carinhoso) Vens hoje um bocadinho mais tarde filha, algum encontro de namorados hem!?
- MARTA — Não pai o João nem cá está, foi a Lisboa tratar de uns assuntos! (Olha para as chavenas que estão em cima da mesa e depois diz) Quem é que esteve hoje cá em casa?
- MARTINHO — Foi o Sr. Inácio filha, passou por aqui e veio aqui a nossa casa dar dois dedos de conversa!
- MARTA — O Sr. Inácio esteve cá? Um... Deve andar para ferrar alguma! Ele não vinha cá só pelos nossos lindos olhos! Olha que prenda!
- MARTINHO — Estás enganada Marta! E se queres que te diga, ando cá desconfiado duma coisa, coisa essa que se prende exactamente com os teus lindos olhos!

- MARTA — Diga pai!
- MARTINHO — Tu gostas muito do João minha filha...
- MARTA — O que tem a ver o João com as suas desconfianças?
- MARTINHO — Eu vou ser franco contigo, ninguém me tira da cabeça que ele te quer para sua nora e mais...
- MARTA — (Num impulso, Nunca! era o que faltava! Não pai, nem coberto de ouro!
- MARTINHO — Tem calma filha, também pode ser que eu esteja enganado!
- MARTA — É melhor que esteja enganado, porque senão esse homem sem vergonha terá uma grande desilusão!
- ROSALINA — O que é isso filha, vinhas tão bem disposta e dum momento p'ró outro ficaste assim?...
- MARTA — (Alto) Não é nada mãe!
- ROSALINA — (A Martinho) O que estás tu a dizer à cachopa?
- MARTINHO — (Em geito de troça) Coitadinha da menina...
- ROSALINA — (A Marta) O que é que ele disse?
- MARTINHO — (Antecipa-se em voz alta) Disse que amanhã está bom tempo!
- ROSALINA — Deus queira que Nosso Senhor não te castigue! Ai, ai, tão triste que é uma pessoa não ouvir!
- MARTA — (Ao ouvido de Rosalina) Deixe Lá Mãe às vezes é bem melhor não ouvir certas coisas!
- MARTINHO — Ân! É verdade, ó que chatice! O homem há-de lá estar à minha espera e já me estava a esquecer!...
- MARTA — Quem pai?
- MARTINHO — Fiquei de estar às 7 horas em casa do Pouca Sorte e já são 8 e eu aqui, até logo, até logo!
- ROSALINA — Onde é que ele vai?
- MARTA — (Ao ouvido) Foi a casa do Pouca Sorte!
- ROSALINA — É por isso que a gente nunca passa da Sepa torta! De vez em quando vai a casa do Pouca Sorte!
- MARTA — Deus me livre! Se alguma vez era capas de casar com um sovina daquelas... Ele até tem os dentes amarelos de comer tanta broa!
- ROSALINA — Quem é que foi a Lisboa filha?
- MARTA — (Ao ouvido) Óh mãe, ninguém foi a Lisboa... Ou por outra, foi o meu namorado!
- ROSALINA — O que vai ele fazer tanta vês a Lisboa? Estou cá a desconfiar que ele não te namora só a ti, eu que sonhe que ele anda a jogar com um pau de dois bicos!
- MARTA — (Alto) Não isso não mãe, não admito a ninguém que ponha em duvida a honestidade do João, nunca notei nele a menor intenção de me atraiçoar!

- ROSALINA — Tu não conheces os homens filha, eles são capazes de tudo! Olha, não vamos mais longe, o teu pai chegou a namorar cinco ao mesmo tempo!
- MARTA — (Alto) Não sei porque é que dizem que as raparigas antigamente eram mais sérias que as de agora, naturalmente ainda iam mais depressa na cantiga!
- ROSALINA — Só ia na cantiga quem queria filha, mas sempre te digo que não deves confiar muito nos homens...
- MARTA — (Alto) Pela parte que me toca estou descansada, sei que ele gosta de mim, eu também gosto dele, não há neste mundo ninguém que nos possa separar!
- (BATEM À PORTA)
- HELENA — (Chama) Marta! Já chegaste?
- MARTA — Entra Helena!
- HELENA — Ouvi dizer que já tens aí as fotografias do casamento da Rosa!
- MARTA — Tenho, eu vou buscar, vais-te fartar de rir!
- HELENA — Eu faço ideia, então vizinha, está a remendar?
- ROSALINA — O Jantar? Já o fiz mas o meu nome foi a casa do Pouca Sorte e não há maneira de chegar. (abre a boca) ai ai come uma pessoa as coisas sem graça, sem necessidade nenhuma!
- HELENA — (Ao ouvido) Estava a perguntar se estava a remendar...
- ROSALINA — Ah, os homens só servem para dar trabalho!
- MARTA — Anda cá ver, esta aqui é do acompanhamento todo!
- HELENA — (Tira-lha) Deixa cá ver se eu me vejo aqui, eu logo vi se este paspalhão não se havia-de ir pôr na minha frente, olha para isto só se vê aqui a pontinha do chapéu!
- MARTA — Olha, esta é quando eles estavam a trocar as alianças!
- HELENA — O Padre ainda é mais geitoso do que o Noivo!
- MARTA — Olha agora aqui os noivos sózinhos, Deus me livre se eu casava com um homem tão feio!
- HELENA — E ainda por cima velho!
- MARTA — E tudo isso por causa de uns patacos que ele tinha no banco!
- ROSALINA — O que é que vocês estão a dizer? (para Marta) O teu pai também era muito mais velho do que eu e não foi por causa de dinheiro que eu caí sei com ele!
- MARTA — (Baixo para Helena) Só ouve o que lhe convém! (mais alto) Olha aqui os noivos e os padrinhos!
- HELENA — Se fosse eu não queria ser madrinha deste calmeirão!
- MARTA — Também tens cada uma, o homem teve alguma culpa dela ficar pequena?
(riem)

- HELENA — Ai, ai, esta já está, a nossa vez é que nunca mais chega!
- MARTA — Olha filha se tens pressa vai p'rá bicha, eu cá por mim já estou por tudo!
- ROSALINA — O que é que há p'ró entrudo filha?
- MARTA — (Alto) Ninguém está a falar no entrudo mãe, e de mais, o que é que havia-de haver?
- ROSALINA — É capaz de chover? Ai a rapaziada de agora tudo lhes mete medo, no meu tempo fazia-se lindas marchas, com chuva ou com frio ninguém fi cava em casa!
- HELENA — (Ao ouvido) Os tempos agora são outros vizinha, temos outros divertimentos!
- ROSALINA — O que é sei eu, vocês o que pensam é que a gente eram-mos umas parvas e vocês agora são muito espertas!
- MARTA — (Ao ouvido) Não diga essas coisas mãe, o que a Helena diz é verdade, isto é tudo filho do tempo!
- HELENA — Ân! Já não me lembrava da melhor! Já sabes que o Inácio diz por aí à boca cheia que no prazo de um ano o filho dele está casado?
- MARTA — O quê o Chico? Só se for com alguma burra! (riem) aquilo não é um homem!
- HELENA — (Interrompe) É uma besta não?
- MARTA — Besta é favor! Quanto mais não vale o João? É pobre mas é educado! Já viste aquele escangalhado que nem ao menos se lava?
- HELENA — Mas tem muito dinheiro!
- MARTA — Tem muito dinheiro? Anda sempre teso! O pai não lhe dá um centavo, é um sovina, e essa que casar com ele tem que comer pelas mãos do pai!
- HELENA — O que eu estou a ver é que ele quer que o filho se case para ficar com uma escrava como era a mulher dele!
- MARTA — Á, Já viste? Há até quem diga que a pobre mulher morreu com fome!
- HELENA — Livra!
- MARTA — E o filho leva a mesma volta, aquilo é gente que não come p'ra não cagar!
- MARTINHO — (Entrando) Pronto, já cá estou! estás cá Helena?
- HELENA — É verdade ti Martinho, não posso passar sem vir dar dois dedos de conversa á Marta!
- MARTINHO — Fazes bem rapariga, os amigos querem-se com os amigos, mesmo agora eu venho também de casa do meu amigo Pouca Sorte!
- ROSALINA — Pouca Sorte tenho eu, está uma pessoa aqui um serão inteiro á espera do Senhor!
- MARTINHO — (Alto) Ó mulher, quantas vezes é preciso dizer que comam quando eu

- não estou? Vocês não comem com a minha boca!
- HELENA — (Despede-se e sai)
(BATEM À PORTA)
- FREGUESA — (DE fora) Ó ti Rosalina!
- MARTINHO — (Vai abrir) Entra, o que é que há?
- FREGUESA — Quando é que vocemecê vai p'ró moinho? Tenho lá um saco de milho pa-
ra moer! (para mãe e filha) boa noite! Já cá estás Marta? Julgava
que fazias serão!
- MARTA — Fiz serão até às sete, só nas vésperas das festas é que trabalhamos
até mais tarde!
- MARTINHO — Pois é rapariga, agora não sei quando é que arranjo carga que valha
a pena, isto está mau, se eu não tivesse já uma idade tão avançada
raios me parta se eu não mandava esta vida para o diabo!
- FREGUESA — O que é que o ti Martinho há-de fazer? as vidas todas estão más, o
meu home já há quinze dias que não faz nada, o que nos tem valido é
o milho que a gente arranjámos no Verão!
- MARTINHO — O teu Joaquim ainda está novo, ele que fuja desta terra enquanto é
tempo!
- FREGUESA — Para onde é que ele há-de ir? Vocemecê fala bem fala... A vida está
é para esse malandro do Inácio, tem dinheiro como água!
- MARTA — Não sei para que serve o dinheiro que ele tem!...
- FREGUESA — Não sabes porque não tens experiência da vida, a pena maior que eu
tenho é não ser solteira, parvas que as cachopas são... está ali a
sorte grande para qualquer uma!
- MARTA — Se está assim tão interessada porque não deixa o seu homem e vai pa-
ra esse paraíso?
- MARTINHO — Estás enganada Esmeralda, a minha filha pensa que a vida se governa
com palavras bonitas!
- FREGUESA — Livrar daqueles que têm palavras muito meigas, são falsos como Judas.
E digo-lhe uma coisa ti Martinho, a mulher que casar com o filho do
inácio leva-o para onde ela quizer, aquilo é mesmo um burro!
- MARTA — Eu também já tenho dito que para ele estava bem era uma burra! (ir-
ritada) De mais a mais eu para mim estou servida, como é que raio fo-
ram buscar agora uma conversa dessas sem pés nem cabeça?
- FREGUESA — Estás servida vamos a vêr, olha que segundo o que se diz p'rái...
- MARTA — Fale, não se engasgue!
- FREGUESA — Não... Não vale a pena, não é nada!
- MARTINHO — O que foi Esmeralda? fala, agora sou eu que quero saber o que se pag-
sa!

- ROSALINA — O que é isso home?
- MARTINHO — Cala-te (para Esmeralda, Fala mulher não me digas que esse sonsinha fez p'raí alguma!
- MARTA — (Implorando) Ponha essa coscovilheira na rua pai!
- FREGUESA — Á eu sou coscovilheira? então agora é que vou por tudo em pratos limpos, pois para teu governo minha menina te digo que o Santinho do teu namorado não se livra da fama de ter enganado uma menor em Lisboa!
- MARTINHO — Não! Não pode ser!
- MARTA — (Chorando) É mentira pai, o João nunca era capaz de fazer uma coisa dessas! Vá para a rua, vá lavar essa lingua porca!
- MARTINHO — É melhor que seja mentira sim, porque se for verdade quem prega um tiro nos cornos desse canalha sou eu!
- ROSALINA — Mas o que é que essa bruxa aqui veio fazer? tenho que ir por o aparelho! (sai para o quarto,
- FREGUESA — (Saindo, Menina de merda...
- MARTINHO — (Pensativo) É para isto que um homem cria uma filha!
- MARTA — Ó pai não pode ser verdade!
- MARTINHO — Não há fumo sem fogo minha filha, agora compreendo, porque é que ele vai tanta vêz a Lisboa! Eu mato aquele cão!
- ROSALINA — (Entra já com o aparelho no ouvido,
- MARTA — (Abraça a mãe e chora) Ó mãe! eu morro de medo!
- ROSALINA — Mas medo de quê? o que é que aquela "mastronça" aí veio dizer para vocês estarem assim?
- MARTA — (Chorando) O pai que lhe conte mãe, só me apetece é chorar!
- ROSALINA — Foi alguma coisa com o namorado?
- MARTINHO — Aquele malandro tem andado a fazer pouco da nossa filha!
- ROSALINA — Aquele sonsinho nunca me enganou... Eu já andava desconfiada! O que é que ele te fez rapariga?
- MARTINHO — Parece que enganou uma cachopa!
- ROSALINA — Então e a nossa? não tem andado a enganar já há uma data de anos?
- MARTINHO — Pois sim mas aquele engano agora sai-lhe mais caro, porque a moça já deu à luz! Eu já tinha ouvido um zum, zum mas não queria acreditar!
- ROSALINA — (Benze-se) Ai Santo nome de Deus, está o mundo perdido! Vá lá agente confiar nas aparências!
- MARTINHO — Bom, isto aqui só há uma coisa a fazer: para ir falar com mãe dele não vale a pena, já se sabe que ela começava logo a defender o filhinho cagente ainda lhe ficava a dever dinheiro, portanto o que há a fazer é romper com ele, o que mais tu tens é quem queira casar contigo!

- MARTA — Se não casar com o João não casarei com mais nenhum! (chora)
- MARTINHO — Irra, que és teimosa! Não vêz que isso era o que ele queria?
- MARTA — (Abraça a mãe a chorar) Óh mãe, o João não pode ter feito uma coisa dessas!
- MARTINHO — Agora já ninguém tem pressa p'ra comer.
- ROSALINA — Ó homem pois com estas coisas todas tu ainda tens vontade de comer? Vou pôr a comida para ti, eu cá por mim já perdi o apetite!
- MARTINHO — O que aí vai, tanta choraminguisse por causa dum patife daqueles!
- MARTA — um patife não, o pai não o pode acusar sem provas!
- MARTINHO — O que vai o pardal fazer tanta vez a Lisboa?
- MARTA — Vocemeçê sabe muito bem que ele anda a ver se se emprega! Eu só gostava de saber o que é que o pai tem contra ele!
- MARTINHO — O que é que eu tenho contra ele... ainda queres mais? Quantos rapazes bem empregados não têm tido vontade de te procurar? E não te procuram porquê, até o filho do Inácio dava tudo para te apanhar! mas só porque a menina embirrou para o palerma do João...
- MARTA — Desculpe pai, mas vocemeçê sabe que não é birra, não há birra que dure 8 anos e mais uma vez lhe digo, nunca casarei com o filho do Inácio!
- MARTINHO — Ingrata!
- MARTA — (Exaltada) Se gosta tanto de dinheiro porque é que o pai não casou com uma mulher rica?
- MARTINHO — Realmente fui um grande parvo!
- ROSALINA — Parva fui eu! farta-se uma pessoa de trabalhar e depois ainda leva coices!
- MARTINHO — Vê lá como é que falas hem! vê lá se és tu que as pagas!
- ROSALINA — Tenho tempo de estar calada quando eu morrer... havia-de ser já hoje, sempre queria ver como é que tu te arranjavas! havia-de ser uma boa miséria!
- MARTINHO — (Avança para a mulher, agarra-lhe no casaco e simula que vai bater) Olha que tu não me estejas cá a moer o juizo porque senão!
- MARTA — (Implora) Pai, pai, não bata à mãe por minha causa, se tem vontade de bater bata-me a mim (chora) mate-me até, que eu não me importo!

(Fim do primeiro acto)

II ACTO

MEMSMO CENÁRIO

Martinho está pensativo e Inácio entra chamando pelo compadre.

- MARTINHO — Porque é que a minha filha não há-de casar com o rapaz, além de ser bom para ela também seria bom para mim, a verdade é que não sei como a hei-de convencer!
- INÁCIO — Então compadre, em que pé estão o nosso negócio?
- MARTINHO — Deixe-me cá Sen. Inácio, cá estava eu agora a pensar no caso, a cachopa não há quem a faça largar aquele sacana!
- INÁCIO — Horaessa! Não sabe o que há-de fazer? obrigá-la, tem que a obrigar, você prometeu que havia-de arranjar maneira de a convencer! Afinal já passaram oito dias e você ainda não me procurou para me contar o que se passa!
- MARTINHO — Eu tinha grande fé naquele plano da cachopa enganada, mas isso falhou, a minha filha não é parva e não levou muito tempo a descobrir a verdade!
- INÁCIO — Esperta é que ela não é, ir casar com um palerma daqueles sem vinte, quando pode ser a dona desta terra! E você? não anda sempre a dizer que a vida de moleiro não dá nada? Se a convencer a casar com o meu filho vai lá para casa só para tratar do gado, caso contrário, já sabe como é, até o moinho lhe tiro! Bom até amanhã! (Sai)
- MARTINHO — Até amanhã compadre inácio! O raio me parta se a massa deste sovina não há-de entrar cá para casa de vez em quando!
- MARTA — (Entra com uma carta na mão) Boa noite pai!
- MARTINHO — De quem é a carta?
- MARTA — O João apanhou emprego! Vai ganhar pouco! Agora de principio é assim.
- MARTINHO — Não venhas assim tão contente porque eu tenho más notícias para ti!
- MARTA — É mais alguma daquele patife? O que quer ele agora?
- MARTINHO — Quer que tu cases com o filho e parece-me que não tens outra solução!
- MARTA — Preferia morrer pai, há quinze dias que oiço a mesma conversa e começo a estar farta! Com tanta moça que há aí na terra e só embirraram comigo! porquê meu Deus porquê?
- MARTINHO — Porque infelizmente ele tem a nossa vida nas mãos, ameaçou-me que nos tirava o moinho, e se ele faz isso como é que a gente se governa?
- MARTA — Não havemos de morrer à fome, ceder a essa chantagem é que nunca!
- MARTINHO — Eu sei que para ti é tudo muito fácil, mas aos sessenta anos o que é que eu vou fazer? Aonde é que eu vou arranjar trabalho?
- MARTA — (Chora) Mas eu não estou à venda, ou para si eu valho menos do que um moinho?
- MARTINHO — (Grita) Já te disse, não tens outra solução!
- MARTA — Também o pai me quer obrigar a casar com aquele monstro, (grita) mas eu vou-lhe mostrar que tenho outra solução, sabe qual é? é a morte! (sai a correr)

- MARTINHO — (Desesperado corre atrás da filha, Marta! Marta! (fora) Lembra-te da tua mãe, o que é que tu vais fazer? (Pequena pausa e Martinho reentra com a filha amparada a si) Que loucura ias tu fazer filha, o teu pai só quer o teu bem, já estás mais calma? Vai-te deitar, vai descansar um bocadinho! (acompanha-a com a mão no ombro)
- MARTA — Não sei o que me passou pela cabeça!
- MARTINHO — (Volta cabisbaixo e fala sózinho) Se elas soubessem quanto eu lhe devo! Agora compreendo porque é que aquele patife me emprestava o dinheiro de boa vontade! Já a trazia fígada! Não há dúvida que só um canalha da pior espécie procede desta maneira — Dás-me como Nora a sua filha e não se fala mais na dívida, e eu feito parvo prometi-lhe uma coisa que eu vejo agora que não está nas minhas mãos. Tenho tanto medo que esta filha faça algum disparate! Agora é que eu vejo o erro que cometi! Vou dar uma volta por aí, pode ser que... (começa a tossir)
- JOÃO — (Bate à porta, Marta! Marta! abre a porta... Sou eu!
- MARTA — (Reconhece a voz e vem a correr) Oh João tanto que eu precisava de te ver!
- JOÃO — Já estou ali fora há mais de uma hora à espera que o teu pai saísse, eu sei tudo o que se passa Marta! Porque não me mandaste dizer?
- MARTA — Porque não queria que sofresses, bem basta eu! A minha vida é só chorar! (chora)
- JOÃO — Tens que ser forte Marta, não é caso para querer acabar com a vida! Não vês que isso era também a minha morte?
- MARTA — Que estás tu a dizer?
- JOÃO — Não disfarces, não vale a pena, eu vi tudo, mas quero que saibas que não te deixava morrer! Já estava preparado para saltar o muro!
- MARTA — Eu sou muito infeliz João!
- JOÃO — Bem. Vamos ao que interessa: pelo que eu sei os velhos estão mesmo teimosos!
- MARTA — Aquele malandro até já nos ameaçou que nos ponha fora do moinho, e é isso que me atormenta, estás a ver a situação em que ficam os meus pais?
- JOÃO — Sabes qual é a minha ideia?
- MARTA — Ainda não disseste!
- JOÃO — Pois bem. Logo à noite quando toda a gente estiver a dormir tu vais ser a Julieta e eu o Romeu!
- MARTA — (Admirada) E os meus pais? além do desgosto há aquele problema do moinho!



- JOÃO — Eu sei, mas eu estou disposto a sacrificar até o nosso bem estar, mas se isso acontecer daremos-lhes uma pensão ao fim do mês, para eles dois já não é preciso muito!
- MARTA — Sonhar é fácil João, o pior é que depois vêm os filhos e como é que o teu ordenado vai dar p'ra tanto?
- JOÃO — Nessa altura já eu ganharei mais, vais ver que quando o passa fome do inácio souber, até vai morrer de raiva!
- MARTA — (alegre) Contigo irei até ao fim do mundo João!
- JOÃO — Eu já sabia que não ias recusar! Bom, qual será a hora melhor?
- MARTA — até às duas ainda eles dormem dai em diante estão quase sempre a falar!
- JOÃO — Então fica p'rá uma, está certo?
- MARTA — Okei João, tu foste Deus que aqui apareceu!
- JOÃO — Então até logo, parece-me que oiço a tua mãe a falar!
- MARTA — (Trocista) Adeus Romeu!
- ROSALINA — (Entrando) Quem é que estava aí a falar contigo?
- MARTA — Era o João!
- ROSALINA — Deus te livre, se o teu pai visse tu estares cá em casa sózinha com ele! Quando é que ele veio?
- MARTA — noje! O pai o que pensa é que ele me come... Ninguém se come sem se deixar comer!
- ROSALINA — Pois sim. Parece que anda com o diabo no corpo, ninguém o pode atuar, se não fosses tu eu sei bem o que havia-de fazer!
- MARTA — Se não fosse eu... se não fosse eu havia mais paz nesta casa!
- ROSALINA — (Irritada) A culpa é toda do teu pai, ele sempre sonhou com o dinheiro do outro canalha! Tu foste o instrumento que ele usou para se introduzir naquela casa!
- MARTA — O pai está farto de miséria mãe, pensou talvez que assim seria melhor para nós!
- ROSALINA — Com a nossa miséria cá nos temos arranjado uns dias melhor outros pior... mesmo assim antes quero a minha miséria do que a riqueza da da quele passa fome! O teu pai até me chegou a prometer porrada se eu descobrisse... Bem deixa-me cá estar calada!
- MARTA — Fale mãe! Ah! Então foi por isso que ele lhe bateu!? E a mãe não me queria dizer! (riste) Eu bem digo que sou a culpada disto tudo! (cho ra) Oh mãe eu sou muito infeliz. (abraça a mãe)
- ROSALINA — (Também chora) Somos as duas minha filha!
- MARTINHO — (Entrando bêbedo) Que diabo de merda vem a ser esta? Não quero aqui ninguém a chorar! Viva o compadre Inácio! É uma grande besta mas é amigo! Sim senhor, e quando a minha filha casar com o filho dele vai

tudo lá pá casa grande! (pequena pausa) Queres falar para mim ou não queres ó rapariga?

- ROSALINA — (Com desprezo) Foi lá na adega que tu vendeste a tua filha, desgraçado...
- MARTINHO — (Rindo) Éh o que ai vai, pois fica sabendo que eu vou deixar de ser desgraçado, nós vamos deixar de ser desgraçados, ainda vamos ser os donos daquela gaita toda!
- MARTÁ — Cale-se pai por favor!
- MARTINHO — Se vocês soubessem o que eu estou a pensar! Depois de tu casares com o Chico acaba-se com o cagar ao velho (ri) se não for antes! (ri)
- ROSALINA — (Para Marta) O que o vinho faz meu Deus! Um homem tão pacífico!...
- MARTA — Tenho medo mãe, o pai anda transtornado, aquele vampiro leva-o lá para a adega e depois de bêbado faz do pai o que quer!
- ROSALINA — (Olha para o marido que pouco a pouco vai adormecendo encostado em cima da mesa) Olha para aquela miséria, temos que o levar para a cama, só eu é que havia-de estar guardada para isto!
- MARTA — (Reentra só no palco e comenta triste) Daqui a pouco vou deixar esta casa onde nasci, vou deixar o meu pai, a minha mãe... Óh meu Deus dai-me coragem! Deixar os meus pais sem ao menos me despedir deles! Ah João João, só tu me poderias levar a fazer uma loucura destas! Mas eu não posso partir sem ao menos deixar um belhetinho! (agarra uma folha de papel e escreve) Mãe não podia viver mais neste inferno, diga ao pai que lhe perdoo, eu vou com o João, faço isto para bem de nós todos, Adeus! Deixo-o ficar aqui em cima da mesa. Deixa-me espreitar se já dormem, parece que sim. Agora é preciso arranjar as minhas coisas! (vai buscar uma mala e vai pondo roupa, a certa altura batem á porta devagar e chamam)
- JOÃO — Marta, Marta, abra!
- MARTA — Chui! Fala baixo! (pegam nas mãos um do outro)
- JOÃO — Então Marta, não pareces muito entusiasmada!?
- MARTA — Se te parece, João, tens que compreender que não é tarefa fácil, já pensaste como eles vão ficar amanhã quando se levantarem?
- JOÃO — Assim é preciso meu amor, mais tarde compreenderão que quem estava no bom caminho eramos nós!
- MARTA — Tenho tanto medo João! A minha mãe não se cansa de acusar o meu pai! E amanhã essas acusações vão redobrar, tenho tanta pena dele...
- JOÃO — Mas ele não tem pena de ti...
- MARTA — O Inácio faz dele o que quer, o meu pai no fundo é bom homem!
- JOÃO — De maneira que não há outra hipótese, amanhã o todo poderoso do Inácio vai morrer de raiva!

- MARTA — (Depois de arrumar tudo) Parece-me que já não falta nada!
- JOÃO — Então vamos, não há tempo a perder!
- MARTA — (Emocionada) Adeus casa onde nasci, adeus mãe (chora) é para teu bem meu pai! (sai)
(Lá fora ouve-se gritar ao longe, aos poucos aproximam-se)
- POVO — Acúdam, morreu o Sen. Inácio, mataram o Sen. Inácio! (Batem à porta)
- VOZ DE H. — Óh ti Martinho, mataram o seu compadre! Levante-se!
- ROSALINA — (Descalça em traje de noite, vem a por o aparelho) Que gritaria é essa? o que é que aconteceu?
- VOZ DE H. — Foram dar com o Sen. Inácio morto! diz o filho que tem uma pancada na cabeça!
- ROSALINA — Ai não me diga uma coisa dessas, quer dizer que foi alguém que o matou? (abre a porta) entre!
- HOMEM — E não deve ter sido há muito tempo, porque ele ainda estava quente!
- ROSALINA — Ainda este serão o meu home lá esteve a beber mais ele, deitou-se perdido de bêbado! Eu vou ver se o acordo! (ouve-se chamar) Acorda home, que grande desgraça!
- MARTINHO — (Dentro) Deixa-me dormir mulher!
- ROSALINA — (Dentro) Mataram o Sen. Inácio! Levanta-te!
- MARTINHO — (Botas desatacadas e mal abotoado) Isso é verdade rapaz?
- HOMEM — É verdade é ti Martinho, o filho chora lá como uma criança.
- MARTINHO — Então e só a esta hora é que ele encontrou o pai morto?
- HOMEM — E encontrou-o a esta hora porque o cão não parava de ladrar lá ao pé do dono, o rapaz levantou-se para o fazer calar e deu com aquele trabalho!
- MARTINHO — Bolas p'rá vida, afinal, mal por ser pobre mal por ser rico!
- HOMEM — Só o que toda a gente estranha é que parece que não há nada roubado!
- MARTINHO — Isso concerteza que foi ele que caiu, quem é que ia lá só para matar o homem sem mais nem menos?
- ROSALINA — É o que te há-de acontecer ati algum dia...
- MARTINHO — (Para a mulher) Já disseste á cachopa?
- ROSALINA — Ir acordá-la por causa disto? ela vai ficar sobressaltada!
- MARTINHO — Vai lá que eu vou andando mais o Jaime!
- ROSALINA — (Aflita) Ela não está no quarto! Será que ouviu a conversa e foi pelas trazeiras!
- MARTINHO — Que diabo dizes tu mulher? ela não saia de casa sozinha a esta hora! (chama) Marta! Marta!
- HOMEM — (Mais calmo reparou no papel que estava em cima da mesa) Ti Martinho! Óh ti Martinho, acalme-se a sua filha deixou aqui um escrito!

- ROSALINA — (Impaciente) Lê lá o que isso diz, valha-me Deus! (lê) Mãe, não podia viver mais neste inferno, diga ao pai que lhe perdôo, eu vou com o João, faço isto para bem de nós todos, adeus!
- MARTINHO — (Chora) Óh! filha desgraçada, o que tu foste fazer! O que eu te obriguei a fazer!
- HOMEM — Eu vou andando ti Martinho.
- MARTINHO — Vai Jaime, eu também queria ir mas fiquei sem forças para nada!
- ROSALINA — E se o que eu estou a pensar fosse...
- MARTINHO — Esse pensamento também está aqui na minha cabeça, um homem por amor é capaz de tudo!
(ENTRETANTO JOÃO E MARTA ENTRAM)
- MARTA — (Entra e corre a abraçar a mãe que entretanto está a chorar)
- MARTINHO — (Agressivo corre para João, O que é que tu foste fazer canalha? se o querias fazer porque não o fizeste sozinho? Porque é que meteste a tua mão na minha filha nisto?)
- JOÃO — Quer dizer que vocemecê pensa...
- MARTINHO — Penso e não me engano, ao menos que tivessem fugido p'ra bem longe!
- MARTA — Pai!
- MARTINHO — Cala-te! Tu se tivesses vergonha também não saias de casa sózinha com um...
- MARTA — Diga! não se arrependa!
- MARTINHO — Já descansaram não? E agora as consequências?
- JOÃO — Óh ti Martinho, juro pela alma do meu pai que estou inocente!
- MARTINHO — E como é que vais provar isso? ainda por cima esteve aqui aquele gajo! Se ele dá com a língua nos dentes estás amolado!
- ROSALINA — (Chorando) O culpado disto tudo foste tu! Não atires agora a carga para cima dos outros!
- JOÃO — Ó ti Martinho vocemecê acha que se fosse eu, voltava para trás?
- MARTINHO — Eu já não acho nada, o que é verdade é que o homem está morto!
- MARTA — Ó pai, veja se compreende, nós pensámos em fugir para ver se o velho se desimaginava daquela ideia, mas como no caminho ouvimos gritos e quando soubemos da morte dele achámos que não valia a pena e voltámos para casa! Não vê que se tivéssemos fugido era sinal de culpa?
- MARTINHO — Mesmo que isso que tu estás a dizer seja verdade, só o facto de vocês fugirem é uma vergonha, como é que tu amanhã vais aparecer na rua? e nós? eu e a tua mãe? (silêncio) Não tens nada para me dizer? (para João) e tu? achas bonito zombar da minha filha? Ah carago quando penso nisto só me dá vontade... (vai para bater)
(Marta e Rosalina correm e suplicam que não bata e tentam afastar Martinho)
(BATEM À PORTA)

- MARTINHO — Quem é?
- REGEDOR — Autoridade!
- MARTA — É o regedor!
- MARTINHO — (Abre a porta e manda entrar) AH! é o Senhor Regedor?! Há alguma novidade?
- REGEDOR — (Para Marta e João) Vocês! façam favor de me acompanhar!
- ROSALINA — A minha filha não é nenhuma assassina!
- MARTA — Esteja descansada mãe, não há-de ser nada, a verdade vem sempre ao de cima!
(Sai Marta e o Regedor, João sai pouco depois)
- JOÃO — O desgraçado deu com a língua nos dentes, há-de pagar-mas! (sai)
- ROSALINA — (Chorando) Estás satisfeito? ai tens o resultado das tuas maluqueiras, eu bem te disse que essa tua ideia dava mau resultado! É uma vergonha, não sei como hei-de aparecer na frente de gente!
- MARTINHO — Ao menos cala-te, não me lixes mais a cabeça! Se fiz alguma coisa foi a pensar em vos tirar da miséria!
- ROSALINA — Nunca me queixei! essa tua mania de...
- MARTINHO — (Irritado) Basta! Não tarda um quarto de hora que não tenhas aqui a tua filha!
- ROSALINA — Onde é que tu vais!
- MARTINHO — Nunca fiz nada de bom pela minha filha, chegou a hora de remediar todo o mal que lhe tenho feito, se eu disser que o matei eles ficam livres e podem ser felizes para o resto da vida!
- ROSALINA — Não! eu sei que não é verdade! (tenta dissuadilo)
- MARTINHO — (Chora) Adeus Rosalina!
- ROSALINA — (Atrás dele) Não! Não!

(Fim do segundo acto)

III ACTO

MESMO CENÁRIO

Rosalina, agora já bastante mais velha, tenta enfiar a linha na agulha mas apesar dos óculos pede à neta que a ajude.

- ROSALINA — Anda cá outra vez filha, a tua avó vê cada vez menos!
- BÉLINA — (Faz renda) Para a idade que a avó tem ainda faz muito, há muitas mais novas que já não conseguem fazer nada! (dá a agulha à avó)
- ROSALINA — Se não fosses tu já não fazia nada, se faço alguma coisa é pelo tacto!

- BÉLINHA — A avó sabe quantos anos tem a mãe da ti Rosa?
- ROSALINA — Essa é mais nova do que eu!
- BÉLINHA — Pois é, tem 69, e já não faz nada, ao passo que a avó ainda vai cozen do a roupa do avô!
- ROSALINA — Se não fossem os desgostos... ai ai, eu parece-me que durava toda a vida, o que vale é que Deus dá a roupa conforme o frio...
- BÉLINHA — (Triste) Não há ninguém que não tenha desgostos avó, até eu tenho um bem grande!
- ROSALINA — Na tua idade não há desgostos filha, a tua mãe mata-se a trabalhar, só para que não te falte nada!
- BÉLINHA — Para que não me falte nada, e afinal falta-me o que eu mais queria no mundo, que é o meu pai!
- ROSALINA — Nada podemos fazer contra a vontade de Deus Bélinha, quando ele abalou para a América disse assim: Vou-me embora porque não quero que a minha filha sofra o que eu sofri, levantou-te no ar, deu-te beijos sem fim (chora) e foi-se embora, até hoje nunca mais tivemos notícias dêle!
- BÉLINHA — (Limpa os olhos com um lenço) Meu pobre pai!
- ROSALINA — Às vezes vou dar com a tua mãe a chorar tanto, que eu não sei como é que ela arranja tanta energia para trabalhar!
(ENTRA MARTINHO E MARTA, ESTÁ ABATIDA E ENFARINHADA)
- MARTA — (Dá um beijo à filha e diz) Já levámos os talegos todos aos fregueses! Agora ainda tenho que ir levar estas calças a casa da Engrácia!
- BÉLINHA — A mãe já podia ter dito que eu já lá tinha ido!
- MARTA — Mas eu preciso do dinheiro, e ela a ti não te paga! (sai)
- MARTINHO — Se há coisas com que eu embirro, andarem-me a roubar a porta é uma delas!
- ROSALINA — Que bicho te mordeu homem?!
- MARTINHO — (Para Bélinha) Não quero que dês trela áquele macaco, deixa estar que, se ele sair á mãe... mal tiram as fraldas do cú começam logo a pensar em desgraçar as filhas dos outros!
- BÉLINHA — De quem é que o avô está a falar?
- MARTINHO — Estás interessada hem?
- ROSALINA — Credo home, qualquer coisa é uma coisa!
- MARTINHO — (Grita) Não quero aqui aquele filho da puta a rondar a minha casa já disse, se estive preso dez anos áquela javarda o devo!
- ROSALINA — Já está a pagar home, Deus é grande!
- MARTINHO — Não foi com pena de mim que ela confessou não, ela tinha medo era do inferno! (rindo) tinha medo não fosse arder na fogueira de Satanáz!
Eu vou levar os burros ao palheiro! (sai)

- BÉLINHA — Óh avó, há coisas que eu não compreendo, porque é que a ti Esmeralda matou o homem?
- ROSALINA — Tudo tem uma explicação minha filha, não vêz tu que a Esmeralda era uma mulher muito interesseira, e como o home dela ganhava pouco, ela pensou em o deixar e juntar-se com o Chico do Inácio, o pior é que ela sabia que o velho nunca consentiria uma coisa dessas, e então a espertalhona aproveitou a ocasião em que o teu avô lá esteve na adega com ele para ninguém pensar que tinha sido ela!
- BÉLINHA — Então e depois não se juntou com ele?
- ROSALINA — O velho é que queria que o filho se casasse, depois que morreu pronto, o filho ainda é mais agarrado do que o pai e lá vive sózinho com o bicho!
- MARTA — (Entrando) Bélinha, agora vais à mercearia e trazes um quilo de açúcar e um litro de sal, eu passei por lá mas havia lá muita gente e eu não tenho vagar de lá estar à espera! (dá-lhe dinheiro) este chega! (Bélinha sai) Não te demores!
- BÉLINHA — (Fora) Está bem mãe!
- MARTINHO — (Ouve-se lá fora) És teimoso hem?! toca a andar daqui p'ra fora, e tu o que estás aqui a fazer? Se a tua mãe te mandou fazer algum recado vai e não percas tempo com merda desta, essa agora! (entra em casa) Bem bastou a mãe p'ra dar cabo da minha vida, quanto mais agora o filho (para a filha) E tu Marta, vê se abres os olhos, olha que isto não me está a cheirar nada bem!
- MARTA — Não me está a cheirar é a maneira como o pai fala p'rá sua neta!.. Ela não tem culpa da vida não lhe correr bem!
- MARTINHO — Ora toma que é p'rá aprenderes... Trabalha um sacana toda a vida para por os filhos no seu lugar, perde até a honra por eles se for preciso, e no fim ainda ouve destas... gaita p'rá vida! (amargurado) Eu escusava de trabalhar tanto, qualquer coisa para mim e para a tua mãe chegava, é por ela, é pela tua filha que este velho arrasta as pernas a caminho do moinho... Ingráta é que tu és! (chora)
- MARTA — Não sou ingráta não! O que me custa é ver a minha filha tratada como uma estranha, o pai pansa é que nos está a fazer um grande favor, (chora) mas se o pai trabalha sem poder é porque quer, já lhe disse montes de vezes que vou sózinha p'ró moinho, pela minha filha trabalho dia e noite se for preciso!
- ROSALINA — (Interrompe) Cala-te Marta! Não digas asneiras! Não sei como ainda tens coragem de levantar a vóz para o teu pai!
- MARTA — (Chorando) Cala-te Marta! Tens que viver sempre calada... tu precisas do teu pai, estás na casa dele...

- MARTINHO — Isto é demais... dizer que eu não gosto da minha neta! Esta não lem
brava ao diabo... (muda de tom) Querias que eu lhe falasse com pala
vras mansas como falava para ti? Não que tu ensinaste-me, e depois
quando quiz já era tarde!
- ROSALINA — E tu homem, não leves tanto a peito tudo o que ela diz, tenho tanto
medo que ela apanhe alguma doença, trabalha tanto!
- BÉLINHA — (Entra a correr) Mãe, mãe! Olhe o que eu aqui trago! (dá uma carta
à mãe que vem da América, MARTA) É do teu pai filha! (abraça a fi
lha, nervosamente abre a carta)
- MARTINHO — Amanhã já não vamos para o moinho, vem para ai uma carrada de dóla
res...
- ROSALINA — Cala-te homem! era bem feito que isso fosse verdade...
- MARTA — (Lê) Marta, tenho a certeza que se o teu coração ainda tiver algum
calor, quando receberes esta carta as tuas mãos trémulas terão algu
ma dificuldade em ler, pois ao fim de tantos anos receberes agora
uma carta minha, terás por força de ficar surpreendida! Sei que a
nossa filha faz agora catorze anos, Quando abandonei Portugal foi a
pensar em lhe dar uma vida melhor, mas a minha vida cá tem sido um
fracasso, sinto-me bastante doente, nunca escrevi porque pensei que
seria melhor vocês pensarem que eu estava bem. Já não tenho esperan
ça queria morrer ao pé de ti, ao pé da nossa filha, Adeus! (chora
abraçada à filha,
- MARTINHO — isso! Põe-te agora a chorar que ele merece muito!
- MARTA — (Chorando, Não hei-de me rir!
- BÉLINHA — Óh avô, mande vir o meu pai para o pé da gente! Talvez ele ainda se
cure!
- ROSALINA — (Abraça a neta, Tu ainda te lembras do teu pai minha filha?
- BÉLINHA — Quando ele abalou eu só tinha dois anos...
- MARTINHO — Bélinha, anda cá ao pé do avô: Tu ainda és muito nova, não conheces
o mundo, esse teu pai foi-se embora há doze anos, ninguém sabe o que
tem sido a vida dele ninguém sabe se vivia bem ou se vivia mal o que
é certo é que até hoje ele nunca se preocupou se tu tinhas quem te
matasse a fome nem se tu e a tua mãe estavam bem, se eram vivos ou
mortos e agora que está doente já se lembrou da tua mãe e da filha
que até hoje nunca protegeu: Portanto...
- MARTA — (Num impulso, Portanto, a mulher dele sou eu, quem decide sou eu, se
não quer que ele venha aqui para casa eu vou-me embora! Nunca pedi
a ninguém que sofresse por mim! Acho que tenho o direito de pensar
também por mim! Além disso a minha filha tem o direito de conhecer o
pai, ainda que seja por pouco tempo!

- MARTINHO — (Gritando) Na minha casa nunca! Se está doente vá para o hospital! Eu já sei como é a história, enquanto têm saúde não se lembram das mulheres e depois quando já não podem com uma gata pelo rabo vêm com palavras mansas, pedir misericórdia áquelas que sempre desprezaram! Não não! O Martinho está farto de fazer asneiras!
- ROSALINA — O teu pai tem razão Marta, não vêz que se tu o aceites só vais prejudicar a tua filha? Maesmo assim o dinheiro não chega quanto mais com mais uma pessoa doente em casa!
- MARTINHO — Não adianta bater em ferro frio, nunca vi coisa tão teimosa, ateimou de principio e continua a teimar até ao fim! Pois tu agora já conheces a besta, ou ainda queres levar mais algum coice?
- MARTA — (Chora) Sabe Deus o que o pobre por lá tem sofrido, não custa nada acusar! Até podia ter estado preso e ter vergonha de o dizer!
- MARTINHO — Se esteve preso foi porque fêz alguma patifaria!
- MARTA — O pai também esteve prêso e não fêz mal a ninguém!
- MARTINHO — Bem arrependido estou, se eu soubesse o que sei hoje, nunca aquele patife tinha desgraçado a tua vida! Tenho levado boa paga não haja dúvida!
- BÉLINHA — Óh avô, deixe vir o meu pai para o pé da gente!
- MARTINHO — És teimosa, sais à tua mãe! vá lá para onde tem andado até agora!
- MARTA — Anda comigo filha, a gente há-de arranjar alguma coisa!
- ROSALINA — Onde é que vocês vão?
- MARTA — (Triste) Agente já vêm! (sai)
- MARTINHO — Deixa ir, não sei a quem é que ela sai tão parva! Dá impressão que até tem prazer em contrariar os outros! Ai ai, deixa-me ver se arranjo tempo para dar uns pontos nos arreios do russo! Tu chegaste a ir ao sapateiro pedir as pontas de cabo?
- ROSALINA — Estão dentro da caixa onde tu tens a ferramenta!
- MARTINHO — Áh! (dentro) E os meus óculos?
- ROSALINA — Tu é que sabes onde os puseste! Não sou eu que ando com eles! Vê lá se estão em cima da cómoda lá no quarto!
- MARTINHO — (Dentro) Estão aqui!
- ROSALINA — Eu também havia-de dar uns pontos mas a neta não está cá para me enfiar a agulha!
- MARTINHO — (Volta) Isto já está tudo escavacado, qualquer dia parte-se esta merda toda e lá vai a carga p'ró maneta!
- ROSALINA — Isso queria era uma nova!
- MARTINHO — Sim? Não sei porque é que tu em vêz de estares ás vezes a por remendos não vais também comprar novo!
- ROSALINA — Mas isso é outra coisa, não vêz que já não tem ponta por onde se pegue?

- MARTINHO — Ainda tem que ganhar para uma nova, ora vamos lá a vêr porque ponta é que eu hei-de começar... aquele sacana também tinha medo de te dar mais pontas?
- ROSALINA — Era preciso que ele as lá tivesse! mesmo assim ainda tiveste muita sorte!
- MARTINHO — Porra, já me piquei! Raios parta o diabo mais quando um gajo não tem dinheiro para comprar o que faz falta!
- ROSALINA — Vê lá não dês para ai cabo de algum dedo (tenta enfiar uma agulha) tu ainda vez o buraco, mas eu farto-me de estar e não há maneira!
- MARTINHO — To o que pensas é que isto vai logo à primeira, a maior parte das vezes é ó calhas!
(ENTRA MARTA E BELINHA)
- MARTA — Pronto, não foi preciso correr muito, ainda há pessoas boas nesta terra...
- ROSALINA — O que é que tu queres dizer com isso filha? o que foste tu fazer?
- MARTA — É tempo de eu mandar na minha vida mãe, amanhã mesmo saio desta casa ninguém pode impedir a felicidade da minha filha! Ela sempre quiz conhecer o pai!
- MARTINHO — (Larga os arreios) Ouve bem o que eu te digo Marta! Tu vais-te embora porque queres, ninguém te manda embora, o teu homem vêm doente, tu tens que trabalhar, não podes ficar em casa para o tratar, tu queres que seja a tua filha mais uma sacrificada? não basta já o mal que ele te fez a ti?
- BELINHA — Hei-de tratar o meu pai tão bem que ao fim de pouco tempo já há-de estar bom!
(BATEM À PORTA)
- MARTINHO — Quem é que entre!
- JOÃO — (Entra com uma mala) Vem aqui o homem mais rico do concelho! Nesta casa mais ninguém trabalha!
- MARTINHO — AH grande João aperta cá esses ossos! Eu sempre disse que tu ias longe! Abraça a tua mulher e a tua filha, estavam doidas por te ver!
(João faz o gesto para abraçar a mulher mas esta esquivava-se)
- JOÃO — Perdoa-me Marta estar tanto tempo sem te dar noticias...
- MARTA — Vai-te embora João, a Marta que tu conheceste morreu! Quando recebi aquela carta apenas tive pena de ti julgava-te doente e pobre e por isso estava resolvida a ajudar-te, mas uma vêz que regressas rico, não precisas de mim para nada, agora obrigada!
- JOÃO — Mas eu quero fazer alguma coisa pela nossa filha, ela ainda pode ir estudar!
- MARTA — Agora já é tarde, mesmo com as minhas fracas posses já anda no 5.º ano, ou pensavas que eu tinha ficado estes anos todos a chorar por

ti e não lutava pela vida?

MARTINHO — (Á parte) Mas eu não percebo esta rapariga (para neta) Então não beijas o teu pai.

BÉLINHA — Este não é o meu pai! O meu pai está doente e é pobre!

MARTINHO — Não dizes nada mulher? parece que ficaste sem fala! Vai lá buscar qualquer coisa para festejar o regresso do João!

MARTA — Isto é o cúmulo! Vamos embora filha são todos na mesma, amanhã vamos buscar as nossas coisas! (saem)

TODOS — Marta! Marta! Onde é que tu vais?

FIM !

TERRA QUEIMADA

Peça em 3 actos dedicada a Amieira do Tejo

ORIGINAL

JORGE MANUEL PIRES DA ROSA

PERSONAGENS:

JOSÉ	AGRICULTOR
ANGELINA	ESPOSA DO AGRICULTOR
ISABEL	FILHA
MÁRIO	FILHO
JOANA	VIZINHA
HIPÓLITO	ENCARREGADO
JOAQUIM	FREGUÊS
ENGENHEIRO PARDAL	
OUTRO ENGENHEIRO	

CENÁRIO

Casa de pequeno agricultor.

I ACTO

(Entram em cena José e Angelina vindos da horta, trazem alguns géneros).

JOSÉ — (Poisando o cesto) Apre! é pesado! Graças a Deus aquela horta dá de tudo com fartura! Com mais um bom ano como este, e se não houver para ai falta de trabalho, a ver se agente consegue dar um arranjo a esta casa!

ANGELINA — Andas sempre a sonhar Zé. Tomaríamos nós pôr os nossos filhos nos seus lugares, lembra-te que daqui a pouco estão a dizer que querem casar, e onde vamos nós arranjar dinheiro para tanto?

JOSÉ — Olha Angelina a vida é como uma guerra tem várias batalhas podemos perder uma mas logo a seguir ganhamos duas ou três é preciso é persistência e trabalho e isso não nos tem faltado!

ANGELINA — Pois não homem mas com jornas de quinze mil reis por dia como podemos nós economisar algum tostão? e ainda por cima ás vezes não há trabalho para todos!

- JOSÉ — Lá isso é verdade mas eu também tenho os meus planos... tu sabes que o nascente da nossa horta pode regar o dobro da terra...
- ANGELINA — Pois pode! naquele Porto da Cerejeira há água a rodos mas onde tens tu mais terra para regar? tens lá mais terra tens mas não dá ponto! como queres tu levar para lá a água?
- JOSÉ — Pois é isso mesmo eu tenho que descobrir a maneira de a levar a toda a extensão da horta pois se eu o conseguir sempre são mais uns alqueires de feijão que vendemos ao fim do ano!
- ANGELINA — Faz o que entenderes Zé mas não te esqueças que para fazeres isso tens que fazer alguma despesa e os dinheiros são poucos!
- JOSÉ — Alguma coisa se há-de arranjar, por enquanto tudo são planos... É verdade já sabes que hoje é a entrega das sortes de milho no Carregal?
- ANGELINA — Não me digas homem: então este ano semearam o milho tão cedo? pois por isso há bocado quando eu vinha da fonte da Cal estava uma grande algazarra na Rua do Arrabalde! Não estavam senão a falar nisso! Tão mal que me calha lá ir hoje!
- JOSÉ — Deixa lá mulher eu vou lá e de caminho trago logo uma carga de mato para a cama do pôrco!
- ANGELINA — Então não te demores quem vai primeiro mais bem servido fica! vê se escolhes uma milharada numa voga não viste o ano passado? milho que aquela barroca das aboboras largou!
- JOSÉ — Fica descansada que eu hei-de ver se não me engano... onde está a chave do palheiro? tenho que ir por lá buscar o burro!
- ANGELINA — Está pendurada no sitio do costume na adega!
- JOSÉ — Então até logo.
- ANGELINA — Até logo Zé. (e um desabafo) ai, ai tanto que uns se ralam com a vida e outros tanto se lhes dá que corra para baixo como para cima... mas se não fôr assim não podemos andar com a cara descoberta!
(Neste momento entra a filha que foi às compras)
- ISABEL — Ó mãe o Snr. Barata tem lá fazenda para vestidos tão bonita! Se a mãe me comprasse um agora pró S. João!
- ANGELINA — Parece impossivel Isabel ainda pela Páscoa te comprámos um e foi bem caro! o que é que o teu irmão havia de dizer? olha que já há um ano que as calças dos domingos são sempre as mesmas, o que vale é vir agora o Verão, já é um homenzinho e não tem um casaco para vestir!
- ISABEL — Pois sim mas as outras não são mais do que eu e de vêz em quando têm vestidos novos... (choramingando). É sempre a mesma coisa!
- ANGELINA — Pois é mas os calotes que por ai há é que é o diabo fica sabendo que cá em nossa casa se alguma vêz tiver que se comprar fiado é a comida! para luxo nunca!

(Entra o filho)

MÁRIO — Ena pá vem ali a rua cheia de mulheres e homens, vão todos pró Carregal tirar milharadas, a mãe não vai também?

ANGELINA — O teu pai a esta hora já lá está até é capaz de já vir a caminho! Já abalou há mais de duas horas!

(Houve-se uma algazarra lá fora, e há duas mulheres que batem à porta e dizem) Angelina! Ó Angelina olha que é hoje que dão as milharadas, anda com agente!

ANGELINA — O meu homem já para lá está eu hoje não tenho vagar! Bem eu vou ao palheiro tratar do porco não me demoro, se vier alguém perguntar por mim digam que eu já venho. Até logo.

MÁRIO E
ISABEL

— Até logo mãe.

MÁRIO

— Parece que estiveste a chorar não te agrada ter que ir cavar milho hem!

ISABEL

— Lá estás tu com as tuas palermices Mário tu sabes que nunca me recuso a ir para onde o pai me manda e é por isso mesmo que eu às vezes choro! As outras raparigas só fazem o que lhes apetece e de vês em quando estão a estrear vestidos novos e eu quando falo nisso a mãe ralha-me!

(Entra o pai mal humorado)

JOSÉ

— Então a vossa mãe onde está?

ISABEL

— Foi tratar do porco!

JOSÉ

— Malditos porcos tanto comem! Aquela velhaco já comeu o milho quáze todo do ano passado! e ainda aqueles ursos não querem dar o milho de meias farta-se uma pessoa de arreboliar cascalhos e ao fim da colheita dá-lhe quáze tudo a eles, quando eu arranjar a minha horta eu logo vos digo cavem-no vocês!

MÁRIO

— Deixe lá pai eles ainda hão-de querer dar o milho de meias e mesmo assim não hão-de ter quem o cave!

JOSÉ

— Olha Mário não costumo concordar com o que dizes, mas agora acho que disseste uma coisa acertada! Realmente se o pessoal da nossa terra principalmente a gente nova continuar a abalar para Lisboa como até aqui, qualquer dia só cá há velhos e quando estes morrerem não sei o que será disto!

(Entra Angelina muito aflita)

ANGELINA

— Ai valha-me Deus...

JOSÉ

— O que foi isso mulher?

ANGELINA

— Ai homem o nosso pôrco está doente, não quer comer será melhor ir chamar o Victorino para lhe dar uma injeccão!

- JOSÉ — Vai lá chamá-lo Mário, diz-lhe que vá ter ao palheiro que eu vou já andando para lá!
- ANGELINA — Estás a vêr filha a vida a andar para trás e ainda tu querias outro vestido.
- ISABEL — Ó mãe palavra de honra que ás vezes as pessoas são incompreensíveis ainda agora antes da mãe vir, o pai estava arreliado a dizer que o porco comia muito e agora ficou aflito por a mãe dizer que ele não come!
- ANGELINA — Cala-te rapaniga! Sabes lá o que dizes?! Se alguma vêz te casares saberás compreender as dificuldades da vida!
- ISABEL — As dificuldades da vida!.. a mãe está-se sempre a chorar, olhe que ainda há quem esteja pior do que nós! Agente ainda temos uma horta que graças a Deus dá comer para a nossa casa e ainda vendemos muito mas a maior parte das pessoas como estão a pagar renda quando chega o S. Miguel vão levar quâse todo o rendimento aos donos!
- ANGELINA — Olha filha cada qual sente as suas, mas sempre te digo que os pobres da nossa terra escusavam de andar a pagar rendas tão caras: podes lá imaginar a quantidade de hortas que se podiam fazer na nossa charneca! Tantos brejos incultos cheios de junco e Mato! Para que é que os ricos querem aquilonhão tiram de lá nada! em qualquer barroca da charneca se podia fazer um poço que a água é certa! Mas não há muita gente interessada em que os pobres sejam cada vêz mais pobres.
- ISABEL — Isso é verdade mãe cá em Amieira há alguns exemplos não vê o Ti Manuel Salazar a horta que ele fêz no Porto da Cerejeira?
- ANGELINA — Então e o teu pai? tanto trabalho que ele tem tido na nossa horta! Quando nós herdámos aquilo dos meus pais só aquele bocado ao pé do tanque é que estava manso o resto nem uma pessoa lá podia entrar.
- ISABEL — Então o avô deixou chegar aquilo a esses pontos?
- ANGELINA — Eu te explico minha filha: quando nós herdámos, a horta era só aquela varzea ao pé do tanque mais tarde é que nós comprámos a outra parte toda que fica por baixo.
(Neste momento entram José e Mário)
- ANGELINA — (Com curiosidade) Então homem o que é que disse o Victorino?
- JOSÉ — Disse que não deve ser grave deu-lhe uma injeção, a mim pareceu-me que o bicho ficou logo mais bem disposto!
- ANGELINA — Ai homem Deus queira que não seja nada daqui a pouco vêm os figos se o bácoro morre quem é que vai comer tanto figo!?
- JOSÉ — Cala-te mulher! tanta choraminguisse se aquele morrer compra-se outro!

- ANGELINA — Já sei que não te correu bem a tua ida ao Carregal.
- JOSÉ — Desde manhã que as coisas não estão a correr bem, tu lembras-te do ano passado o dono dizer pr'á gente que o milho este ano era de meias?
- ANGELINA — Pois disse... não me digas que ele tem duas caras!
- JOSÉ — Duas caras... o que mais ele tem é caras!... caras e coroas aquele amigo está-se a encher! e depois toca de puxar pr'ó patrão!
- ANGELINA — Aquilo foi ele que viu muita gente e naturalmente é capaz de ter pouca terra semeada...
- JOSÉ — Sim... Sim deve ser isso! o que lhe vale é as mulheres não terem onde ganhar um tostão mas mesmo assim se fossem todos como eu!... ninguém lá dava uma cavadela enquanto ele não desse o milho de meias... é tudo uma data de cobardes ninguém quer ficar nos cornos do touro... Pois bem se eles se aguentam melhor me aguento eu, prá semana o Mário vai todos os dias de manhã cedo, regar a horta e tu mais a Isabel vão começar a cavar o milho, eu ao domingo vou-te lá ensinar onde é a nossa sorte sachamos logo lá um bocado e por volta do meio dia vimos embora!
- MÁRIO — O pai não pode lá ir no domingo!
- JOSÉ — Porquê?
- MÁRIO — Há bocado o Ti Chico Semedo estava a dizer que iam começar a fazer a Sociedade no domingo que vêm e disse que está a fazer conta consigo!
- JOSÉ — Eu realmente prometi-lhe que logo que comessem a obra eu ia lá dar um dia de trabalho mas nunca pensei á que a coisa fosse avante tão depressa! ainda bem que há alguém que faça alguma coisa pela nossa terra!
- ISABEL — O pai depois pr'ó dia da inauguração compra-me um vestido?!
- MÁRIO — E eu quero um fato!
- ISABEL — Eu logo vi se tu não havias de estragar tudo!
- JOSÉ — Bem vamos lá fazer um contrato, a Isabel terá o vestido e o Mário o fato mas é preciso que cada um cumpra a sua missão o Mário na horta e a Isabel no Carregal.
- ISABEL E MÁRIO — Contrato fechado.
(Lá fora ouve-se um pregão que diz assim) Ouçam bem meus Senhores quem quizer sachar milho de meias vá domingo que vem ás dez horas ao Vale da Rasquilha!
- JOSÉ — Boa... por esta é que eu não esperava! Bem se estes dão de meias tam bém os outros têm que dar!

- ANGELINA — Sabes o que te digo homem o melhor é tu lá ires falar com o feitor se ele o quizer dar de meias dá se não quizer vira-me o Lombo ao domingo vou eu tirar outra!
- JOSÉ — Bem dito! nem é tarde nem é cedo vou lá mesmo agora que ele é capaz de já estar em casa! (Sai)
- ISABEL — Assim com o milho de meias o pai também me podia mandar fazer uns sapatos!
- MÁRIO — E a mim umas botas!
(Batem à porta)
- ANGELINA — Quem é?
- JOANA — Sou eu Angelina não tens aí umas pedrinhas de sal que me emprestes? fui ontem à loja e esqueci-me do sal, valha-me Deus!
- ANGELINA — Isabel vai lá buscar uma mão cheia de sal à vizinha!
- JOANA — Então ouviste o pregão?
- ANGELINA — Eu ouvi é este ano é que tu vais também tirar uma milharada não?
- JOANA — (Com fala descansada) Era bom era vizinha, mas eu não posso tomara eu fazer a lida da casa... ainda hoje não comi nada nunca tenho apeteite!
- ISABEL — Tome lá o sal vizinha.
- JOANA — Então obrigadinho e até logo!
- ANGELINA — Não te agradou a conversa... Lambona... quando não é sal é fosforos anda sempre na pedincha.
- ISABEL — Deixe lá mãe as pessoas não têm culpa de ser como são!
- MÁRIO — Bem eu vou tratar dos pombos.
- ISABEL — Eu vou contigo Mário: Não sou precisa agora mãe?
- ANGELINA — Não!
(Entra José)
- JOSÉ — Pronto está tudo arrumado o homem também dá o milho de meias!
- ANGELINA — Que remédio!
- JOSÉ — O que é que aquela lafrajona que saiu daqui queria?
- ANGELINA — O que é que ela havia-de querer veio ao sal... e vinha também tirar nabos da púcara mas não lhe agradou a conversa foi-se embora!
- JOSÉ — O homem dela já estava ali com uma grande bebedeira. Bem falando em beber o almoço está pronto?
- ANGELINA — Mais que pronto.
- JOSÉ — Então vamos lá que eu estou cá com uma fome... (Saíem)

II ACTO

Mesmo Cenário: (Entram Angelina, Isabel e Mário com fato de trabalho e sacho na mão)

- ISABEL — (Poisando o sacho) Até que enfim, nunca mais era Sábado, desde que começou a plantação dos eucaliptos ainda não tínhamos feito uma semana inteira! Que dor de costas!
- MÁRIO — E eu já me sento! Também não aguento os meus rins amanhã só me levanto ao meio dia!
- ANGELINA — O que hei-de eu dizer! Vocês até segunda feira já podem descansar mas eu? Agora tenho que fazer o jantar, amanhã tenho que ir lavar a roupa, anda uma pessoa sempre dum lado p'ró outro!
- ISABEL — A mãe não devia ir todos os dias para os Eucaliptos é demais para si tanto trabalho!
- ANGELINA — Pois é filha mas temos que aproveitar aquele ganho não vêes que o teu pai agora não ganha nada? Meteu-se com aquela despesa lá na horta, mesmo assim o dinheiro não há-de chegar...
(Batem à porta)
- ANGELINA — Quem á?
- ENCARREGADO — Faça favor Senhora Angelina!
- ANGELINA — (Vai abrir) Á! é o Snr. Hipólito! Faça favor de entrar.
- ENCARREGADO — Então conliceça: Querem dinheiro ou não?
- ANGELINA — Sem o dinheiro não se faz nada Snr. Hipólito! Ó Isabel vai lá buscar um copinho de aguardente aqui p'ró Snr. Hipólito!
- ENCARREGADO — Não se incomode Snr^s. Angelina! (Estende as folhas de pagamento em cima da mesa e diz) Vá Senhora Angelina assine aqui o seu nome! (e assim sucessivamente)
- ISABEL — Faça favor Snr. Hipólito! não fça cerimónia!
- ENCARREGADO — (Bebe e depois exclama) que maravilha! Vale a pena vir a sua casa me nina Isabel!
- ISABEL — São favores Snr. Hipólito!
- ENCARREGADO — Ora são portanto 360\$00! faça favor Snr^s. Angelina!
- ANGELINA — Então obrigado Snr. Hipólito!
- ENCARREGADO — Não tem de quê, até p'rá semana a todos!
- TODOS — Adeus Snr. Hipólito!
- MÁRIO — Ena mãe! assim vale a pena! é muito melhor do que andar a cavar milho, ao menos assim é certo!

- ISABEL — Do que eles se haviam-de lembrar encher o Carregal de eucaliptos.
- JOSÉ — (Entrando) Ora então muito boa tarde! (todos correspondem e continua)
Hoje é dia de festa cá em casa! Minha querida Angelina, meus queridos filhos o grande objectivo da minha vida está alcançado a nossa horta pode ser toda regada pelo seu pé graças à grande obra que eu lá fiz e também ao dinheiro que a minha mulher e os meus filhos têm ganho nos eucaliptos.
- MÁRIO — E o paizinho tem aqui mais 300\$00 para a ajuda da grande obra.
- JOSÉ — (Abraça o filho e chora de alegria) Como é possível um homem chorar de alegria!
- ANGELINA — Como as pessoas são tão diferentes umas das outras Jose! Desde que começou a plantação dos eucaliptos a maior parte das pessoas da nossa terra abandonaram as hortas, dizem que numa semana ganham para comprar um alqueire de feijão.
- JOSÉ — Gente estúpida mulher, as hortas não dão só feijão e então as hortas da nossa terra praticamente todas têm muita água!
(Batem à porta)
- ANGELINA — Quem é?
- JOANA — Sou eu vizinha.
- ANGELINA — Aí vem a chata, entra...
- JOANA — Boa tarde... à! Já chegaste Zé eu ia p'rá cender o lume p'ra fazer a ceia mas não tinha lá fosforos se vocês me emprestassem dois ou três...
- JOSÉ — Então que novidades temos Joana?
- JOANA — Se é o que dizem não sei o que será da nossa Amieira Zé daqui a pouco não podemos sair de casa!
- JOSÉ — Lá vens tu com histórias!
- ANGELINA — A ti também te deve fazer pouca diferença estas sempre com o cú metido em casa...
- JOANA — Deus queira que nosso Senhor não te castigue Angelina!
- JOSÉ — Então diz lá porque é que agente daqui a pouco não pode sair de casa!
- JOANA — Estavam um dia destes a dizer que o Estado que ia encher tudo de eucaliptos, então se assim for quem é que dá conta dos lobos?
- JOSÉ — Não acredites Joana! pode lá ser! As donas do Carregal mandam por eucaliptos porque já estão velhas e não querem saber de chatices!
- JOANA — É verdade Zé até dizem que eles já têm mais terrenos comprados e que andam por aí Engenheiros a ver terrenos!
- ANGELINA — É capaz de ser verdade é, essa amiga chega-lhe o tempo pr'a dar fé de tudo!

- JOANA — Bem tenho que me ir embora a tua mulher hoje não está bem disposta...
(faz o gesto para sair)
- JOSE — Então não levas os fósforos?
- JOANA — À! É verdade já me esquecia...
- JOSE — Toma lá uma caixa!
- JOANA — Mas eu só queria dois ou três!
- JOSE — Leva a caixa porque senão amanhã tens que cá vir outra vêz!...
- JOANA — Também tu?... Obrigado e até amanhã.
- TODOS — Adeus Joana!
- ISABEL — A mãe dá licença que eu vá a casa do Snr. Jose Pereira comprar um tubo de linhas?
- ANGELINA — Vai mas não te demores que eu vou pôr a ceia ao lume e o que é coze-se depressa.
- ISABEL — Está bem mãe. (Sai)
- MÁRIO — Eu também podia ir até ao Largo um bocadinho!
- JOSE — Vai lá mas não faças o mesmo que fizeste ontem porque senão temos o caldo entornado!
- MÁRIO — Está bem pai é só um bocadinho! (Sai)
(Batem á porta)
- ANGELINA — Quem é?
- RAPAZ — Ó ti Angelina o seu Zé está aí?
- ANGELINA — Ele está porque?
- RAPAZ — Então faça favor abra lá a porta!
(Angelina vai abrir)
- ANGELINA — Á! és tu! então o que há? entra!
- RAPAZ — (Acanhado) Ó Ti Zé estão ali uns Engenheiros que querem falar consigo!
- JOSE — Comigo? diz-lhe lá que entrem ó Adolfo!
- RAPAZ — Ó Snr. Engenheiro venha cá, chame também os outros!
(Estes entram depois de pedirem licença, trazem um mapa nas mãos e um deles diz) — O Senhor é que é o José Rodrigues Pereira?
- JOSE — Sim sou eu! (cumprimentam-se mas entretanto já Angelina tinha saído para a cozinha)
- ENG. PAR-DAL — Então o Senhor é que é o feliz proprietário daquela Quinta no Porto da Cerejeira!?
- JOSE — (Fazendo-se despercebido) Não sei onde o Snr. Eng. quer chegar há lá tantas Quintas!
- ENG. PAR-DAL — Sim mas a sua tem bastante diferença das outras bem arranjada!...

- JOSÉ — Bastante trabalho me tem dado Snr. Engenheiro toda a minha vida desde que me casei evidentemente lá tenho feito melhoramentos, e só hoje é que aquilo ficou realmente à minha vontade: é uma maravilha destapa-se o tanque, e rega-se toda a terra que a horta tem!
- ENG.
PARDAL — O Senhor sabe que a nossa Companhia está interessada em lhe comprar a Quinta?
- JOSÉ — A vossa Companhia está interessada em me comprar aquilo? P'ra que é que a Companhia quiere a Quinta?
- OUTRO
ENG. — Sabe Senhor José eu lhe explico: A nossa Companhia vai plantar uma grande área de eucaliptos aqui na vossa terra e de maneira que precisa de uma Quinta com bastanta água para semear um viveiro: Ora o Senhor tem uma oportunidade talvez a única na sua vida de fazer um grande negócio!
- JOSÉ — Os Senhores desculpem o meu atrevimento mas dão-me lizeira que eu lhes faça uma pergunta?(todos ao mesmo tempo) — Faça favor Snr. José!
- JOSÉ — Então aí vai: Os Senhores são realmente Engenheiros?
(Estes entreolham-se e por fim responde)
- ENG.
PARDAL — (Puxando pela carteira profissional) Tenha a bondade de vêr Snr. José!
- JOSÉ — Eu sou quãse analfabeto, mal sei ler, mas cá está Engenheiro... pois.. Senhor Engenheiro lamento desapontá-lo mas o que é bom para a sua companhia també é bom para mim!
- ENG.
PARDAL — (Dirigindo-se ao Adolfo) Faça favor vá lá à taberna e traga 5 cervejas (e de novo a José) Senhor José não sabe o que diz não sei se sabe que todas aquelas terras lá em cima vão ser plantadas de eucaliptos, portanto daqui por alguns anos a sua horta está sêca, tem sucedido isto em muitos lados e olhe que eu digo-lhe isto como amigo hem!
- JOSÉ — (Rindo) O Senhor está enganado! O meu nascente vem do fundo não vem lá de cima! Mas suponhamos que é como o Snr. diz, quanto é que a Companhia dava pela horta?
- OUTRO
ENG. — Assuntos de dinheiro é comigo Snr José (entra Adolfo com as cervejas) entretanto vamos lá refrescar as ideias (vão bebendo e conversando) como eu ia dizendo Snr. José estou autorizado pelos patrões a dar-lhe 80 contos pela horta!
- JOSÉ — 80 contos! era o que faltava, é esse o valor que os Senhores dão ao desgraçado que trabalha a terra, pois Senhores Engenheiros todos esses Senhores que venderam a terra para plantar eucaliptos não precisam de lá p'ra nada porque todos eles têm bons empregos, agora eu,

donde é que eu como mais a minha gente? não queriam mais nada todas as minhas horas livres a tratar daquilo com todo o carinho, levei uma vida inteira a pô-la em condições e precisamente no dia em que acabei a minha obra vêm os Senhores oferecer-me uma miséria de 80 contos!

ENG.
PARDAL

— Mas tenha calma Snr. José nós oferecemos, agora o Senhor pede!

JOSÉ

— Os Senhores desculpem mas se eu vendesse aquela horta concerteza que morria de desgosto, portanto acho que estamos conversados!

OUTRO
ENG.

— Bem Snr. José à minha responsabilidade ainda lhe ofereço mais 20 contos fica portanto a oferta em 100 contos, nós vamos andando e se entretanto o Snr. se resolver a entregar o nosso enderço é este! (entrega-lhe um cartão) (despedem-se)

JOSÉ

— Ora esta mata-se uma pessoa a trabalhar toda a vida e depois quando conseguimos arranjar alguma coisa de jeito vêm estes Senhores a pensar que com dinheiro conseguem comprar tudo! (mostra-se nervoso e entra o resto da família curiosos)

ANGELINA

— Mas o que é que essa gente queria Zé? estás nervoso!

JOSÉ

— Não! não hei-de estar nervoso, se te parece!

ANGELINA

— Mas o que foi homem desembucha!

JOSÉ

— Querem comprar-nos a horta, ofereceram 100 contos julgam que me engolosam assim com dinheiro!

MÁRIO

— Hi! tanto dinheiro!

ISABEL

— Ó pai venda! a horta só serve para vocemecê se matar aos poucos... ao menos assim ponha o dinheiro no banco e escusava de se andar a maçar tanto!

JOSÉ

— Não vendo! está dito... se as terras boas com água fossem todas para por eucaliptos o que é que nós comiamos? e além disso eu não poderia viver sem aquilo!

ANGELINA

— Vamos jantar homem daqui a pouco a comida não tem graça nenhuma!

JOSÉ

— Isto já me fêz perder o apetite mulher! mas enfim vou ao menos marcar presença!

FIM DO 2.º ACTO

III ACTO

Uma taberna e vários fregueses entre os quais Josá.
(Entra um freguês João com guarda chuva e exclama)

- JOÃO — É rapaziada vai chover! o vento está charneco e está a arrefecêr!
- JOAQUIM — Deixa chover rapaz é a vêr se a horta do Ti Zé p'ró ano tem mais água! este ano deixou morrer os feijões! põe ai três copos ó Chico...
- JOÃO — Isto tanto faz chover como não chover pelo menos aos nascentes da charneca a água nunca mais chega as raizes dos eucaliptos não a deixam lá chegar!
- JOSE — Não há duvida que a nossa terra está queimada.
- JOAQUIM — Deixe lá Ti Zé é da maneira que aqui o Chico daqui a pouco não tem água p'ra pôr no vinho! (todos riem)
- JOSE — Estás a brincar rapaz, olha que o caso não está p'ra brincadeiras!
- JOAQUIM — Issò é verdade Ti Zé mas a gente tem que dizer alguma coisa olhe que quando a sua horta se secou já a minha estava seca há muito tempo!
- JOÃO — Queres comparar a tua horta com a do Ti Zé não... tu nunca lá gastas te um tostão em melhoramentos! Ó Chico trás mais uns copos!
- JOSE — Cada vêz que eu me lembro! Uma horta que chegou a dar vinte alqueires de feijão! noutros tempos ninguém me via aqui na taberna não! mas hoje até tenho medo de lá ir! (noutro tom) então mas o gajo nunca mais trás os copos?
- JOÃO — Este amigo está bem coberto não quiere saber da freguesia p'ra nada! Ó Chico põe lá aqui uns copos gaita!
- CHICO — (Com cara de admirado) Voçês chamaram?
- JOÃO — Pois claro que chama-mos! põe aqui três copos!
- CHICO — Pronto... quando quizerem mais é só chamar! (beben)
- JOÃO — Ó Ti Zé é verdade que aqui há uns anos lhe ofereceram 100 contos pela sua horta?
- JOSE — É verdade é rapaz e é isso que me tem tirado o sono e o gosto pela vida... naquele tempo cem contos ainda era muito dinheiro e eu podia ter dado um futuro melhor aos meus filhos.
- JOAQUIM — Por falar nos seus filhos... onde é que está o seu Mário?
- JOSE — O meu Mário está na França é ele que me tem valido p'ró Verão vem cá passar as férias mandou-me dizer aqui há tempos para eu fazer uma casa de banho mas uma casa de banho para quê se agente não temos cá água, vocês já viram o que é eles lá estarem habituados a tomar banho todos os dias e chegar cá não ter água nem p'ra lavar a cara!
- JOAQUIM — Sabe o que lhe digo Ti Zé? se o nosso povo não fosse tão pacifico há muito tempo que os eucaliptos que estão ao pé da nascente tinham as raizes ao sol!

- JOSÉ — Isso sei eu mas quem é que quiere ficar na cabeça do touro? mesmo aquela bica que está a correr para fora ainda não houve forças para a enviar lá para dentro, fala-se muito á aqui nas tabernas!
- CHICO — (Que aparece) é preciso mais alguma coisa?
- JOSÉ — Põe lá mais uns copos já agora!
- JOÃO — Então e a sua filha o que é feito dela?
- JOSÉ — A minha filha casou com um galderio qualquer, trabalha um dia descansça dois... assim que se começou a constar que me tinham oferecido cem contos pela horta apareceu aí uma carta desse canalha a pedir-lhe namoro e ela coitadinha como tinha grande vontade de ir p'ra Lisboa embarcou com o primeiro que apareceu! Bem tenho que ir andando até casa já estou a sentir a cabeça andar à roda!
- DIZEM OS OUTROS — Agente também vai! (pagam e saiem) até amanhã.
- CHICO — Até amanhã é obrigado!
(ao chegar a casa Angelina está a chorar, mudança de cenários)
- JOSÉ — (meio a cambaliar) o que foi isso mulher parece que estás a chorar!
- ANGELINA — Tu sabes bem porque é que eu estou a chorar, dantes nunca te embebedavas nem tão pouco ias p'rá taberna agora é quase todos os dias!
- JOSÉ — Pois é mas dantes eu tinha onde passar as horas livres dava-me gosto ir àquela horta tu sabes bem que cada vês que eu lá vou venho de lá doente quando me ponho a pensar que plantei lorangeiras, pessegueiros e toda a espécie de árvores de fruto e agora vejo tudo a morrer duma hora p'ra outra...
- ANGELINA — (Sem o deixar acabar) Mas não é a gastar o dinheiro que o teu filho te manda que tu remedeias o que não tem remédio! Se tu não fosses teimoso e vendesses a horta quando te ofereceram bom dinheiro por ela, hoje escusavas de depender de ninguém, assim parece mal é uma vergonha o teu filho mandá-lo p'ra cá com tanto sacrificio e tu a gastá-lo mal gasto!
- JOSÉ — Quando eu era novo também fiz sacrificios para os criar e mesmo ele é o próprio a mandar dizer para eu beber de vês em quando um copito é além disso eu também tenho a minha reforma!
- ANGELINA — Então gasta o dinheiro que ele te manda nos copos que a reforma há-de chegar p'ra tudo!
- JOSÉ — (amargurado) Tanto que eu lutei pela vida e hoje já velho que devia e merecia ter uma velhice sem problemas devia ser confortado pela minha mulher nada disso acontece, só porque bebi dois copos parece que fiz eu alguma patifaria!

- ANGELINA — Ouve Zé tu sabes bem que não há no mundo quem te queira mais do que eu! se digo alguma coisa é para teu bem tens é que ganhar ânimo não vêz que a culpa não é só dos eucaliptos? bem sabes que não chove como deve ser, já há mais de o anos!
- JOSÉ — Eu sei mulher eu sei bem que tem chovido mas mesmo que mais tarde venha a chover bastante os nascentes da charneca nunca mais absorvem água suficiente.
- ANGELINA — Morres com essa cisma Zé, afinal não foste só tu o prejudicado vê lá o que sucedeu ao nascente do Amilheiral estamos a pagar água que não gastamos!
- JOSÉ — (Colérico) Pois é com isso que eu embirro Angelina! quando é que o Povo da nossa terra dá um safanão no mêdo e se une para não pagar aquilo que não consome?
- ANGELINA — Ninguém se quer arriscar homem e depois como estão à espera que se ligue a outra...
- JOSÉ — Se não fosse a Fonte da Cal eu sempre queria ver se o povo não explodia e ainda dizem que isto é Amieira do Tejo, vá lá que seja Amieira da Fonte da Cal! (rindo) aquela fonte faz-me lembrar a história do Filho Pródigo!
- ANGELINA — Se em vêz de ires p'rá taberna fosses dar uma ajuda a vêr se a água ainda vinha hoje!
- JOSÉ — Para dizer a verdade nunca mais me lembrei disso!
- ANGELINA — Pois olha que toda a gente diz que já hoje vamos ter água do nascente das hortas!
- JOSÉ — Quando eu vir! (neste momento a torneira começa a correr água)
- ANGELINA — Olha! Já temos água!
- JOSÉ — Agora é que eu acredito Angelina! Quem me dera ter um nascente destes na nossa horta!
(a partir daqui começam a entrar amigos do Ti Zé um por um e vão dizendo) Já cá temos a água Ó Ti Zé!
- JOSÉ — Vamos festejar o acontecimento rapazes! (apresenta uma garrafa com bebida) todos bebem e depois todos ao mesmo tempo viva o povo D'Amieira!
- JOANA — (Entrando) Ó Vizinha dê-me uma pinguinha d'água! aqui para esta bilha!
(Todos riem!)

F I M

A DECADÊNCIA

drama em dois actos

de

JORGE MANUEL PIRES DA ROSA

PERSONAGENS:

ALFRÉDO	PAI
FERNANDO	FILHO
TERÊSA	FILHA
BERTA	MÃE
ADELAIDE	MULHER A DIAS
SR. FONSECA	SENHORIO
MARÇANO	
DECADÊNCIA	

I ACTO

Pequeno quarto mal mobilado e mal alinhado;

Ao levantar o pano longa pausa; O filho lendo um livro impacienta-se com a demora do pai, nisto ouve-se lá fora uma cantarola é o pai que se aproxima já um pouco ébrio.

- ALFRÉDO — (Entra a cambalear) Adeus ó Fernando, ainda estás a lêr hem! Bem se vê que és filho do grande Alfrêdo!
- FERNANDO — Não haja duvida que posso orgulhar-me de meu pai! Que linda figura! (Em tom mais severo) não sei como não se envergonha, todos os dias a mesma vida!
- ALFRÉDO — És parve rapaz! Sabes lá o que é a vida! Um homem como eu, tem amigos por todo o lado, e ás vezes, mesmo que não queira tem um descuido! todos se lembram de quando eu era um ídolo!
- FERNANDO — (Com um sorriso de desdém) Um ídolo...
- ALFRÉDO — (Distante) Quando me lembro dos trinados da minha viola! Ó que saudades eu tenho daquelas canções maravilhosas! Eu tinha uma vóz de oiro Fernando!
- FERNANDO — Cale-se pai, por favor! Não recorde o passado..., afinal, de que lhe valeu ser famoso? P'ra hoje ter uma reforma que mal dá para comer!
- ALFRÉDO — Quem te ouvir falar há-de pensar que passas fome!

- FERNANDO — Não quis dizer isso pai... O que me parece é que esse não é o melhor caminho para honrar o seu passado!
- ALFRÉDO — O meu passado! Cada vês que me lembro...
Menina dos olhos verdes! Quando cantei esta canção em estreia, fui abraçado por todo o mundo, e no final do espectáculo, bateu á porta do meu camarim uma linda rapariga que me obrigou a ir jantar com ela!
- FERNANDO — O pai mata-se com essa cisma, não vê que o seu tempo já passou?
- ALFRÉDO — O meu tempo já passou... O tempo nunca passa, nós é que passamos!
- FERNANDO — Não pai, não vê que não pode continuar com essa vida?
- ALFRÉDO — Fui durante muitos anos o ídolo das multidões!
- FERNANDO — Para hoje viver assim...
- ALFRÉDO — Entregava muito dinheiro à tua mãe, onde ela o desbaratou não sei, só sei é que fui um grande burro ter casado com uma mulher com meta de da minha idade!
- FERNANDO — E o pai teve muitos amigos, que só o foram enquanto viram muito dinheiro, não atire as culpas todas para cima da mãe, pois ambos foram culpados do que se passou! Por isso, faça os possiveis para deixar essa vida, caso contrário também eu serei obrigado a ir-me embora!
- ALFRÉDO — (Rindo) Deixa-te estar descansado que o cão daqui p'ró futuro está aqui prêso! Aquela mulher fêz de mim um farrapo! e que eu fui e o que eu sou... Pobre Alfrêdo! (Senta-se) pega num espelho) Quem te viu e quem te vê... Tanto faz ter os olhos abertos ou fechados, vejo sempre a plateia a aplaudir as minhas actuações!
- FERNANDO — Que Deus lhe valha meu pai... Não pense nisso, tudo no mundo acaba, agora tem é que se conformar!
- ALFRÉDO — Porque será tão cruel a vida? e a velhice? porque será tão cruel a velhice? (reagindo) Não é por me gabar, mas fui amimado e acarinhado pelas multidões!
- FERNANDO — Basta, por favor não recomece! O pai tem que se habituar é a beber água!
- ALFRÉDO — Havia-de ter graça, o grande Alfrêdo a beber água!
- FERNANDO — Entre essa multidão que o aplaudiu não haverá agora alguém seu amigo que seja capaz de arranjar um emprego para o seu filho? Sim porque eu posso trabalhar, não sou um inválido! (cada vês mais irritado) Não posso trabalhar com o braço direito mas posso com o esquerdo! Onde está a justiça Social?
- ALFRÉDO — Cala-te! A culpa não é minha, tenho batido a todas as portas e a resposta é sempre a mesma... É triste mas é verdade! Porque será que quem é deficiente não tem direito ao trabalho? (acarecia-o) o mundo é dos fortes meu filho!

- FERNANDO — Pois é isso que me doi! (e num assomo de grande nervosismo sai dizendo) Eu não posso mai viver aqui nesta incerteza, eu tenho que arranjar trabalho custe o que custar! Até logo pai!
- ALFRÉDO — (Falando sózinho) Não vais ter sorte Fernando, o mundo é cruel, a tua própria mãe foi cruel p'ra contigo e... p'ra comigo! Quando me abandonou há doze anos levava um filho no ventre, desde então nunca mais tive noticias suas, não sei se é filho se é filha, não sei se é vivo se é morto, é triste mas é verdade! Há quem diga que ela vive aqui na cidade, mas desde então nunca mais lhe púz a vista em cima, mas a sua ausência não se irá prolongar por muito mais tempo o filho ou filha, há-de querer saber quem é o seu pai, as crianças nestas coisas são todas iguais!
- FERNANDO — (Entrando apressado) Pai! estava ali esta menina cheia de fome já mal podia andar, sei que o que temos não é muito, mas se for necessário, o meu quinhão será dividido com ela!
- ALFRÉDO — (Abraçando Fernando) Filho, esse gesto é de um verdadeiro homem! O teu pai orgulha-se de ti! Eu vou buscar qualquer coisa ali ao Anténio da Loja! (Sai)
- TERÊSA — O seu pai é muito bom! E é seu amigo!
- FERNANDO — Então e o teu pai não é também bom para ti?
- TERÊSA — (Muito triste) Eu não tenho pai... Não sei quem é o meu pai!
- FERNANDO — Então e a tua mãe?
- TERÊSA — A minha mãe é muito má... Bate-me!
- FERNANDO — Ainda não disseste como te chamas...
- TERÊSA — Chamo-me Terêsa...
- FERNANDO — Olha Terezinha, nunca se deve dizer mal da nossa mãe, por muito má que ela seja... Tu secalhar fazes maldades...
- TERÊSA — Eu só quero que ela me diga quem é o meu pai! Gostava tanto de ter um pai!... O senhor diz isso porque a sua mãe é boa para si...
- FERNANDO — A minha mãe é uma mulher maravilhosa!
- TERÊSA — Quem me dera ter uma mãe assim...
- FERNANDO — Estás muito magra... O meu pai não demora!
- ALFRÉDO — (Entrando) Ora então vamos lá matar essa velhaca! (Terêsa assustou-se e vai para sair)
- FERNANDO — (Agarrando-a) Aonde vais tontinha? vamos matar mas é essa fome! (Enquanto Terêsa aparenta um grande receio o velho entra com pão e algum conduto, parte e dá à pequena esta finge que está realmente com fome e atira-se ao pão com apetite fera do vulgar)
- ALFRÉDO — Onde a encontraste Fernando?
- FERNANDO — Aqui mesmo perto de casa, a Terezinha já mal podia andar!

- ALFRÊDO — À! Tu chamas-te Terêsa! tem graça, então o teu pai está desempregado?
- TERÊSA — Eu não tenho pai...
- ALFRÊDO — Pobre criança... (pequena pausa) Então e a tua mãe?
- TERÊSA — A minha mãe não gosta de mim...
- FERNANDO — (Interpondo-se) Não faça mais perguntas à menina, eu agora vou dar uma volta com ela! (vira-se para Terêsa) já estás agora melhor? Anda comigo distrair um bocado...
- TERÊSA — Se a minha mãe me vê andar consigo bate-me...
- FERNANDO — Ao pé de mim ninguém te bate... Anda comigo!
(Depois de ambos terem saído Alfrêdo fica pensativo como que recordando, ao mesmo tempo que se ouve música de fundo, logo de seguida ouve-se vós de mulher que disente deveras irritada)
- BERTA — Não quero! Não quero ficar contigo! Tu metes-me medo não fico aqui nem mais um minuto! Levo um filho no ventre mas nunca lhe porás a vista em cima! Guarda todo o teu dinheiro e dá-o ás tuas amantes!
- ALFRÊDO — (Como que acordando) Maldita! Sempre este pensamento! (Dirige-se para a garrafa e enche um copo) É por isto que eu bebo... Por isto e por aquele filho que eu não sei se existe... Para afastar este, constante martelar na minha cabeça! (irritado) Ó ingrátas! Tirei-te da miséria e tu traíste-me e traíste o teu filho quando ele mais precisava de ti! Ao menos trata bem esse inocente que levaste contigo! Não deixes que passe a mesma miséria desta criança que saíu agora daqui!
- (Neste momento entra a mulher da limpeza)
- ADELAIDE — (De fora) Dá-me licença Sr. Alfrêdo?
- ALFRÊDO — (Um pouco atormentado) À! é a Sen. Adelaide... Entre!
- ADELAIDE — (Dentro) O que é isso Sen. Alfrêdo está pálido! Não me diga que a gripe já entrou consigo!?
- ALFRÊDO — Não me sinto nada bem não... Olhe, a roupa está no sitio do costume trate lá disso que eu vou ver se distraio um bocadinho...
- ADELAIDE — (Só) Ai, ai... tanta falta que faz uma mulher numa casa, está cada coisa p'ra seu lado... Deixa-me cá dar uma arrumação a isto! (Enquanto varre vai cantando uma cantiga do seu tempo, depois de acabar a cantiga diz) O meu Manuel que Deus tem, se eu morresse primeiro, não tinha tudo tão desarrumado como estes! Duma ocasião, estive doente seis meses e nunca foi preciso ninguém lá ir fazer o serviço da casa, até a roupa ele lavava e passava a ferro! Aquilo é que era um homem!

(Batem á porta)

- ADELAIDE — Quem é?
- MARÇANO — Faça favor.
- ADELAIDE — (Vai abrir) Á és tu! Há alguma novidade?
- MARÇANO — O Sen. Alfrêdo não está?
- ADELAIDE — Olha, saiu há becadinho, disse que ia distrair...
- MARÇANO — ISTO é que é uma gaita, estou a vêr que ainda não é hoje! Já ando p'ra qui a caminhar há mais de quize dias e nunca mais é Sábado!
- ADELAIDE — É alguma contita que ele deve lá na mercearia é?
- MARÇANO — Diz vocemeçê uma contita... já vai p'ra cima de quinhentos mil reis!
- ADELAIDE — (Espantada) Ah...!
- MARÇANO — Não vê vocemeçê, que ele há bocado foi visto pela mulher do meu patrão no António da Loja a comprar não sei lá o que foi, mas o que é certo é que ele pagou, e o meu patrão ficou que nem fel! Disse então; p'rós outros há dinheiro e p'ra mim não? E disse para eu não sair daqui enquanto ele não pagasse!
- ADELAIDE — Então mas eu agora quero ir-me embora e tu não pedes ficar aqui sózinho!
- MARÇANO — Ah isso é que fico, não há aqui nada que roubar, não vê que isto não passam duns pelintras?
- ADELAIDE — Bem, eu dai lave as minhas mãos, mas se faltar alguma coisa já sabes... (sai).
- MARÇANO — Fique descansada! (Passa os olhos pela casa e ponde os olhos na garrafa começa a beber um cope após outro) O gaje não tem dinheiro para pagar, mas p'rá pinga não falta! (Saboreia) Mas que categoria de pomada! Mesmo que ele não me pague, já não perco tudo! (Esfrega os olhos) Olá! O fabiano tem ali dois rádios! Ora vamos lá ouvir um bocado de música! (Dança e gosticula cambaleando) depois de alguns minutos comenta) Eu vou-me embora, amanhã venho cá, pode ser que a garrafa já esteja outra vêz cheia! (Sai).
- ADELAIDE — (Entrando) Valha-me Deus, esquecime da roupa! (reparando melhor) Então aquele maroto deixou a telefonia a tocar e foi-se embora? a porta aberta... Sim Senhor, ficou a casa bem entregue! (desliga o rádio)
(Batem à porta)
- ADELAIDE — Quem é?
- SENHORIO — (De fora) Faça favor!
- ADELAIDE — (Vai à porta) Á! é o Sen. Fonseca! Entre faça favor!
- SENHORIO — (Entrando) Então o velhote? Anda nos copos claro...

- ADELAIDE — Quem havia de dizer Sen. Fonseca, que este homem chegava a este ponto...
- SENHORIO — Pois é, e depois quem sofre as consequencias sou eu... A Senhora sabe quantos meses ele já me deve de renda?
- ADELAIDE — Não faço ideia...
- SENHORIO — Quando acabar este mês, são cinco, e isto não pode continuar assim eu também tenho as minhas despesas...
- FERNANDO — (Entrando a falar alto) Bandidos! Eu quero trabalhar, dêem-me trabalho ou então matem-me (chora) se os deficientes não têm direito ao trabalho, acabem conosco de uma vez por todas!
- SENHORIO — (Assustado) O que foi isso rapaz, isso não parece teu?
- FERNANDO — (Confundido) Desculpe Sen. Fonseca... O Sen compreende, eu sou um homem, não posso estar eternamente á espera das migalhas do meu pai além disso está velho, já não pode durar muito! Bem sei que nem todos os trabalhos eu posso fazer, mas desde pequeno que me habituei a escrever com a mão esquerda! De que me serve o meu curso? Para estar aqui em casa a ler histórias aos quadradinhos?
- SENHORIO — Olha Fernando, deves ter paciência, bem sabes que não és só tu que estás desempregado, há muitos infelizmente por esse pais fora...
- FERNANDO — Pois é mas...
- SENHORIO — (Cortando-lhe a frase) Deixemos agora esse assunto.
- FERNANDO — Eu já sei do que é que o Sen. vai falar...
(Adelaide sai encolhendo os ombros)
- SENHORIO — Ainda bem que estás ao corrente do que se passa, tu sabes bem que eu não tenho sido mau, acho até que não devia ter sido tão brande porque se o teu pai não paga é porque não quer!
- FERNANDO — Está a vêr o Sen. Fonseca? É isso que me custa... ainda o Sen. me diz para eu ter paciência! O meu pai afoga as suas mágoas em vinho perdeu o gaste pela vida, e eu vivo como que subjugado sem esperança no futuro...
- SENHORIO — Bem... isto era para ser doutra maneira, mas eu tenho pena de ti, se fosse só o teu pai que aqui vivesse, não ficava cá nem mais um mês, vê lá tu se consegues que ele vá pagando pouco a pouco...
- FERNANDO — Esteja descansado Sen. Fonseca, o Sen. é uma boa alma, obrigado pela sua compreensão...
- SENHORIO — Confio em ti rapaz, até qualquer dia! (Sai)
- FERNANDO — Adeus Sen. Fonseca! (Depois de breve pausa leva as mãos á cabeça e diz) isto é demais, não pode continuar assim, eu já tenho vergonha de sair à rua caramba! (Olha para a garrafa) Espera... Deve andar bonito! Ainda há bocado quando sai, a garrafa estava cheia!

- ALFRÊDO — (Entrando) E agora convosco o grande Alfrêdo de Brito, o maior cantor da actualidade!
- FERNANDO — (Com desdém) O maior bêbede e maior caloteiro da actualidade! Tenha vergonha!
- ALFRÊDO — Mau, tu tens sempre a mania de estragar tudo...
- FERNANDO — Oíça pai, escute com atenção, porque o que lhe vou dizer é muito importante!
- ALFRÊDO — Continua...
- FERNANDO — Saiu há pouco daqui o Sen. FONSECA...
- ALFRÊDO — (Rápido) Já sei, precisa de dinheiro...
- FERNANDO — E se o pai não pagar vai p'rá rua!
- ALFRÊDO — (Rindo) Essa havia-de ter graça o grande Alfrêdo na rua, isso não pode ser... Já viste que depois os jornais não falavam doutra coisa? Por falar em jornais, vamos lá passas uma vista de olhos pelas gordas!
- FERNANDO — (À parte) Amanhã de manhã a gente conversa. Não merece a pena estar hoje a gastar saliva!
- ALFRÊDO — (Falando alto numa alegria esfusiante) Fernando! Fernando! Lê aqui esta noticia!
- FERNANDO — (Lendo) Terêsa de Brito Vargas de 12 anos de idade, fugiu de casa de sua mãe. Pede-se a quem souber do seu paradeiro comunique para o 72153.
- (Olham um para o outro)
- ALFRÊDO — (Chorando) Onde deixaste a Terezinha Fernando? Diz-me o coração que é tua irmã!
- FERNANDO — Pelo que o jornal diz, não há dúvida que ela é minha irmã! Eu sei onde ela está e vou já buscá-la, mas o pai tem que me prometer que nunca mais toca na bebida!
- ALFRÊDO — Vai buscá-la Fernando porque era esta incerteza que me atormentava a cabeça e me obrigava a beber para esquecer! (Depois do Fernando sair o velho comenta) Há doze anos que esperava esta noticia, as crianças são todas iguais... A minha viola também tem o direito de partilhar da minha alegria! Vamos lá a vêr se ainda sei... (canta)

Agora a minha vida
Vai ser muito melhor
Vem aí a minha querida
Já passou a minha dôr!

Sempre esperei este dia
Ó que satisfação
Mas que grande alegria
Vou dar-te a minha bênção.

(Ao acabar de cantar entra Fernando)

- FERNANDO — (Entrando) Pai, a Terezinha não está onde eu a deixei, receio bem que a mãe a tivesse levado!
- ALFRÉDO — Demónios te levem, quem te mandou abandona-la? vai ver se a encontras e não me apareças cá sem ela!
- FERNANDO — Mas, pai! A cidade é muito grande se ela estiver escondida como a posso encontrar?
- ALFRÉDO — Já te disse, vai e não voltes sem ela!...
- FERNANDO — Está bem pai, não porei aqui os pés enquanto a não encontrar!... Sai.
- ALFRÉDO — (Só) Parece que o demónio me persegue a todo o momento... A minha filha esteve em minha casa e eu não a conheci!... (chorando) Isto é demais!...
- ADELAIDE — (Bate á porta) Posso entrar Sen. Alfredo?
- ALFRÉDO — Ah! É você?!
- ADELAIDE — Parece que ficou surpreso, esperava outra pessoa?
- ALFRÉDO — Há doze anos que espero outra pessoa Sen^a. Adelaide!
- ADELAIDE — Deixe-se disso, o Sen. mata-se com tanta cisma, sabe-se lá se essa criança chegou a nascer!...
- ALFRÉDO — Nasceu sim Sen^a. Adelaide e é uma menina linda!...
- ADELAIDE — Lá está o Sen. outra vez a sonhar acordado!
- ALFRÉDO — Se a Senhora soubesse o que aconteceu hoje, talvez não falasse assim!...
- ADELAIDE — Já sei, o Sen. Alfrêdo sonhou que a sua filha esteve aqui em sua casa, houve uma grande festa,
- ALFRÉDO — (Certa-lhe a frase) Eu não sonhei! Tenho a certeza esteve hoje aqui a minha filha mas em vez de festa como a Sen^a. diz, apenas lhe dei um pedaço de pão... (pequena pausa) Eu não a conheci!...
- ADELAIDE — (Para a plateia) Coitado, o álcool está a tomar conta dele... (reparando melhor) Mas... até que enfim, viva o luxo! O Sen. dizia que o lanche era só p'ra gente rica mas você hoje também lanchou!
- ALFRÉDO — Foi a minha filha caramba, quantas vezes é preciso dizer que ela esteve aqui? Se pensa que eu estou maluco engana-se!
- ADELAIDE — Mas então, ela entrou aqui sem mais nem menos e foi-se embora!...
- ALFRÉDO — Nem uma coisa nem outra!...
- ADELAIDE — Mau... Então apareceu e desapareceu, como foi isso?
- ALFRÉDO — Coitadinha... Encontrou-a o Fernando ali na rua cheia de fome e trouxe-a p'rá qui, depois o meu filho aju com ela, deixou-a não sei aonde, e como é lógico ele também não sabia quem ela era, e quando descobrimos já era tarde!

- ADELAIDE — Mas como é que vieram a saber que era a sua filha?
- ALFRÊDO — Por este jornal, quer vêr? (vai buscá-lo e mostra)
- ADELAIDE — Já se esqueceu que eu não sei lêr Sen. Alfrêdo?
- ALFRÊDO — Ah sim! Já me esquecia que noutros tempos só os preveligiados é que iam á escola!
- ADELAIDE — Bem fez o Sen. Alfrêdo que deu um curso ao seu filho!...
- ALFRÊDO — Não sei se fiz bem se fiz mal Sen^a. Adelaide!
- ADELAIDE — Ninguém o pode censurar por mandar educar o seu filho, de mais a mais ele não pode fazer outra coisa!...
- ALFRÊDO — Isso é verdade, mas há dois anos que ele acabou o curso e quando aparece alguma vaga quem vai preencher é um valentão, deficientes que vão trabalhar p'rás obras! Quer houver aqui a noticia por onde eu soube da minha filha? (põe os óculos) Terêsa de Brito Vargas de 12 anos de idade, fugiu de casa de sua mãe,. Pede-se a quem souber do seu paradeiro comunique para o 72153.
- ADELAIDE — Então e agora não toma providências para a encontrar outra vêz?
- ALFRÊDO — Já mandei o Fernando procurá-la, mas se a mãe a descobriu vai ser muito difícil!
- ADELAIDE — Mas você também tem direitos sobre a menina, pode recorrer ao tribunal de menores!...
- ALFRÊDO — Pois posso!... Mas há um problema difícil de resolver...
- ADELAIDE — O dinheiro não chega para ter mais uma boca a sustentar, é isso?
- ALFRÊDO — Não é isso não, é que depois a mãe havia-de pensar que eu a quero cá mas é para fazer o serviço da casa!
- ADELAIDE — Faz muito má conceito da sua mulher, se calhar até já está arrepen^dida do que fêz!
- ALFRÊDO — Ela arrependida? Bem se vê que não a conhece! O coração dela, se é que ela o tem!... Não é de pedra, mas sim de aço! Nada a comove!
- ADELAIDE — Afinal ainda não lhe disse ao que vim...
- ALFRÊDO — Também tem algum problema?
- ADELAIDE — Sabe Sen. Alfrêdo, eu estou muito preocupada, há bocado esteve aqui o Senhorio e vinha com muito má cara, tenho receio que ele o ponha na rua!
- ALFRÊDO — O Fernando Já me disse, é mais um problema em cima dos muitos que já tinha! (olha para o relógio) aquele rapaz não há maneira de apa^recer!
- ADELAIDE — Tenha esperança que ele há-de encontrá-la!... Sabe? Eu estive a pensar, e cheguei á conclusão que posso passar sem o dinheiro de dois meses, ora isso já chega para pagar a renda da casa, e depois logo me paga quando puder!

ALFRÉDO — Sabe o que lhe digo Sen^ª. Adelaide? a Sen^ª. foi uma santa que apareceu no meu caminho, sem si não sei o que seria de mim mais do meu filho, é por isso que eu não quero abusar da sua bondade, eu é que tenho que me habituar a beber menos, e se eu encontrar aquele anjo, então todo o resto da minha vida será dedicada a ela, não tocarei mais na maldita bebida!

Obrigado pela sua boa vontade, mas é tempo de ir tomar providências para ver se encontro! (Sai)

ADELAIDE — (Só) Deus queira que sim!

FECHA O PANO FIM DO 1^º. ACTO.

II ACTO
MESMO CENÁRIO

ADELAIDE — (Arrumando a casa) Se a filha for tão bonita como era a mãe! (pega num retrato) coitados já há quinze dias, nem o filho nem a filha aparecem! Não sei o que será do pobre homem!

MARÇANO — (Bate á porta)

ADELAIDE — (abre) AH! és tu...

MARÇANO — Então é hoje que eu tenho sorte?

ADELAIDE — Ó rapaz vai-te embora daqui p'ra fora, bem basta as arrelias do velho...

MARÇANO — Mas aconteceu alguma coisa?

ADELAIDE — É o filho mais a filha do Sen. Alfrêdo que não aparecem há quinze dias!

MARÇANO — O raio me parta se eu percebo a sua conversa, então ele depois de velho é que herdou uma filha?

ADELAIDE — Tem uma filha com doze anos e há pouco tempo é que a conheceu.

MARÇANO — AH! Então essa cachopa esteve há dois dias ali na loja do meu patrão a comprar bolachas! Pois por isso ninguém a conhecia...

ADELAIDE — Mas isso é uma bela noticia rapaz! Então e andava sozinha?

MARÇANO — Pois foi isso que eu estranhei, andava mal vestida mal empregada, uma rapariga tão gira!

ALFRÉDO — (Entrando) muito cansado) Isto é demais, não aguento as pernas, nem um nem outro aparecem... (levanta-se) Ó Fernando vem mesmo sem a tua irmã!... Não martirizes mais o teu pai! Só fasso asneiras, para que lhe disse eu que não aparecesse cá sem a irmã?... (dirige-se ao rapaz) O que é que tu queres rapaz?

- ADELAIDE — Tem uma boa noticia para si...
- ALFRÊDO — (Pegando-lhe no braço) Viste o meu filho?
- MARÇANO — Vi a sua filha!
- ALFRÊDO — Quando? Aonde?
- MARÇANO — Há dois dias, na loja do meu patrão, era uma rapariga muito bonita mal vestida!
- ALFRÊDO — Era ela! Nem que eu rebente tenho de encontrá-la! (Vai para sair)
(Mas neste momento entra Fernando com Terêza pela mão e o velho fica a meio caminho)
- FERNANDO — Pai aqui está a Terezinha!
- ALFRÊDO — (Abraça-se a Fernando) Perdoa-me filho, como conseguiste sobreviver todo este tempo? Onde é que dormiste? nem sequer tinhas dinheiro para comer!...
- FERNANDO — A providência que tantas vezes me tem virado as costas, desta vêz foi minha amiga meu pai! Quando já desesperava e não aguentava mais a fome, ali mesmo na minha frente apareceu uma nota de mil escudos!
- ALFRÊDO — Louvado seja Deus! E tu Terezinha porque não voltaste mais a esta casa? Como se chama a tua mãe que tem um coração tão duro?
- TERÊSA — A minha mãe chama-se... (pequena pausa) Berta Vargas!
- ALFRÊDO — (Abraça-a) Eu sou o teu pai (chora de alegria).
- TERÊSA — Ó que felicidade! Eu bem sabia que havia-de encontrar o meu pai... quando o Fernando me disse eu não queria acreditar...
- ALFRÊDO — (Com inquietação agarra-lhe num braço e pergunta) Onde está a tua mãe?
- TERÊSA — A minha mãe procura-me por toda a cidade, mas eu não gosto dela!
- ALFRÊDO — (Acareciando-lhe os cabelos) Minha pobre filha! Eu também não quero que ela te encontre! (reparando em Fernando) Parece que estás triste Fernando, já estás com ciúmes hem!
- FERNANDO — Ó pai! Eu já não preciso de mimo, estou é preocupado com o meu futuro...
- ALFRÊDO — Deixa-te de preocupações Fernando, agora é preciso festejar a chegada da nossa Terezinha! (pega na viola) Convosco o trio os Britos!
(Neste momento batem à porta)
- ALFRÊDO — (Assusta-se) Quem será? (a Fernando) Esconde a Terezinha na despensa! (sai de cena com a Terêsa) Alfrêdo vai abrir mas Berta antecipa-se e entra)
- BERTA — (Secamente) Onde escondeste a pequena? Não tentes disfarçar que eu ouvi tudo!
- ALFRÊDO — Maldita! Sai da minha vista, sempre que entras nesta casa trazes contigo o inferno!

- BERTA — Não querias mais nada, depois de criada fazia-te conta!
- ALFRÉDO — Sempre a mesma frieza... Não mudaste nada! Esqueces que ela também é minha filha? Bastaram doze anos de sofrimento, agora que a encontrei hei-de lutar pelos meus direitos!
- BERTA — Adquiriste os direitos muito tarde, nunca te deste ao trabalho de me procurar para a ajudares a criar, ao passo que eu, a mulher do grande Alfrêdo, vivi arrastada, sujeita ás maiores humilhações para que o pão não lhe faltasse!
- ALFRÉDO — Que espécie de pão? O carinho que lhe tens dado está bem patente no seu rosto, ainda não há muito tempo que o teu filho a encontrou na rua cheia de fome! Tu bem tentaste afastá-la de mim, mas o destino é mais forte do que a tua maldade!
- BERTA — Tu tiraste-me o coração, bem sabes que não tive culpa do que se passou!
- ALFRÉDO — O dinheiro fêz-te mal Berta, eu dei-te muito dinheiro, e depois quando os contratos começaram a faltar, tu odiaste-me e odiaste também o teu filho! Mas tu já não és bonita como eras, começou-te a faltar o dinheiro e os amantes, e agora descarregas todo o teu ódio naquela inocente!
- BERTA — Basta! Nem a velhice te tirou o ciume!
(Entra Fernando com Terêsa pela mão mas esta vem com receio)
- BERTA — (A Terêsa) Sua velhaca, já descançaste a tua curiosidade? pensavas que o teu pai era algum cavalheiro mas como vêz não passa dum bêbado! Vamos embora desta expelunca!
- FERNANDO — (Num impulso) Nunca! O pai tinha razão, que grande affecto a mãe tem pelos seus filhos... O nosso pai pode ser bêbado mas tem coração, ao passo que a mãe teve a coragem de vir aqui onde não vinha há 12 anos, e foi como que tivesse chegado ao pé duma pedra! Em vêz de uma palavra de affecto, de carinho, dessa boca só saiu censura e acusações! Portanto pergunte á Terêsa se quer ir consigo ou se quer ficar aqui conosco...
- TERÊSA — (Apressada) Eu quero ficar aqui!
- ALFRÉDO — A minha pombinha quer ficar aqui com o bêbado... (Acaricia-a)
(Neste momento batem à porta, apaga-se a luz do palco)
- FERNANDO — (Vai para abrir mas entra a Decadência e este apanha um susto)
- ALFRÉDO — (Alvoraçado) Quem és tu que eu não te conheço?
- DECADÊNCIA — (Trocista) Conheces-me bem! Eu sou a Decadência e tenho estado a ouvir vocês a acusarem-se mutuamente sem que qualquer de vós tenha tido culpa do que se passou... (Dá uma gargalhada sinistra)
(Nisto, pé ante pé todos se retiram sem que os intervenientes os vejam)

- ALFRÊDO — Queres tu dizer com isso que a minha mulher me deixou por eu ser velho!?
- DECADÊNCIA — Não sejas ingénuo Alfrêdo, bem sabes que o amor não escolhe idades mas tu eras famoso e ganhavas muito dinheiro, e de repente vim eu, e a tua mulher deixou de poder sustentar a sua vaidade, e como era muito mais nova do que tu, foi-lhe fácil continuar a viver uma vida grande!
- ALFRÊDO — Queres tu dizer que a vida dela este tempo todo foi...
- DECADÊNCIA — (Corta-lhe a frase) Foi isso mesmo não te iludas!
- ALFRÊDO — (Sobressaltado) Mas... Já não está aqui mais ninguém, fugiram todos
- DECADÊNCIA — (Novamente gargalhada sinistra) Deixa fugir que ninguém me escapa, eu depressa os agarro!
- ALFRÊDO — (Implorando) Por favor não vás já ter com os meus filhos deixa-os gozar a sua mocidade!
- DECADÊNCIA — Está descansado Alfrêdo agora vou ter com a tua mulher, ninguém pode fugir das minhas garras! (Sai)
- ALFRÊDO — (Volta novamente a luz, e Alfrêdo como que acorda de um grande sonho) Mas eu não estive a sonhar? (Chama Teresa e Fernando, como estes não respondem comenta) Não tem que vêr, só eu não fugi porque já estava familiarizado com aquela voz sinistra! (Ri) A minha Berta pensava que havia-de ser sempre bela! Linda! Vais ter o castigo que mereces!
- (Entram os filhos a correr)
- FERNANDO — Pai, nunca vi ninguém assim, ali fora parecia que voava!
- TERÊSA — Que susto eu apanhei paisinho!
- ALFRÊDO — Vocês viram-na sair?
- TERÊSA — Estávamos ali na rua a espreitar!
- ALFRÊDO — Não merecia a pena fugir, ela não vos quer fazer mal!
- FERNANDO — Então para que veio aqui?
- ALFRÊDO — Vinha à procura da tua mãe, mas distraiu-se e a tua mãe fugiu, foi por isso que ela ia com tanta pressa!
- FERNANDO — Tanto orgulho, tanta vaidade, afinal para quê ? Mais tarde vem a Decadência e todos somos iguais!
- (Entra Berta muito triste e muito abatida já sem o fulgor doutros tempos)
- BERTA — Alfrêdo, Fernando, Terêsa, eu devia ter vergonha de vir aqui, mas a Decadência abriu-me os olhos e eu reconheço finalmente o mal que vos tenho feito, é por isso que venho aqui pedir-vos perdão!
- ALFRÊDO — O mundo sempre foi assim, enquanto a vida corre bem, há ódios, há falcidades, há toda a especie de mentiras e preconceitos, só na ho-

ra da desgraça as pessoas fazem um exame de consciência e se unem, e então sim, todos se ajudam e passa a haver união e verdadeiro amor pelo próximo! Isto mesmo se passou contigo Berta, enquanto a tua beleza te permitiu ganhar o dinheiro que querias, nunca te lembraste que mais tarde viria a decadência, mas ela chegou mais depressa do que tu pensavas, e vens agora pedir perdão!? É tempo (mais severo) de acabarmos com essa hipocrisia!

- FERNANDO — Pai, quem somos nós para negar o perdão a quem tanto precisa dele?
- TERÊSA — Sim pai, assim seremos mais felizes!
- ALFRÉDO — Sim... Seja... Eu também acho que devo perdoar!
- BERTA — Afinal, são todos melhores do que eu... até um dia! (Vai para sair)
- FERNANDO e
- TERÊSA — (Ao mesmo tempo) Mãe, fique aqui conosco, o pai também já lhe perdoou!
- BERTA — Eu não vos mereço! (Tenta sair novamente)
- ALFRÉDO — Berta! Os teus filhos precisam de ti!
- TERÊSA — (Abraça a mãe) Mãe peço-lhe perdão por ter fugido, mas agora que encontrei o meu pai, não quero perder a minha mãe!
- ALFRÉDO — No coração das crianças, não há ódio nem rancor, são todas iguais! Mais tarde quando começam a ganhar poder é que tudo se transforma e só a decadência sempre implacável, nos dá a lição que merecemos!

F I M !